

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

Danieli Klidzio

**“SERÁ QUE REALMENTE EXISTE ISSO?”:
REFLEXÕES ACERCA DA BISEXUALIDADE E DA
PANSEXUALIDADE FEMININAS**

Santa Maria, RS
2019

Danieli Klidzio

**“SERÁ QUE REALMENTE EXISTE ISSO?”: REFLEXÕES ACERCA DA
BISSEXUALIDADE E DA PANSEXUALIDADE FEMININAS**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS) como requisito parcial para obtenção do título de **Licenciada em Ciências Sociais**.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª. Monalisa Dias de Siqueira

Santa Maria, RS
2019

Danieli Klidzio

**“SERÁ QUE REALMENTE EXISTE ISSO?”: REFLEXÕES ACERCA DA
BISSEXUALIDADE E DA PANSEXUALIDADE FEMININAS**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS) como requisito parcial para obtenção do título de **Licenciada em Ciências Sociais**.

Aprovada em 18 de dezembro de 2019:

Monalisa Dias de Siqueira, Dr^a (UFSM)
(Orientadora/Presidente da banca)

Fernando de Figueiredo Balieiro, Dr^o (UFSM)

Alisson Machado, Dr^o (UFSM)

SANTA MARIA, RS

2019

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado a todas as mulheres bissexuais e pansexuais que já se viram sozinhas em meio a família e amigas(os), que já se sentiram deslocadas nos espaços... Àquelas que lutam todos os dias e que se afirmam para si e/ou para o mundo na construção de uma sociedade melhor.

A todas aquelas que inúmeras vezes sentiram culpa por serem quem são e que nas vezes em que procuraram afago encontraram machismo, misoginia e LGBTQIAPfobia:

*“Mulher, a culpa que tu carrega não é tua
Divide o fardo comigo dessa vez
Que eu quero fazer poesia pelo corpo
E afrontar as leis que o homem criou pra dizer...”
Ekena.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha mãe e ao meu pai pelos sacrifícios e apoio para que eu pudesse residir em Santa Maria. À minha mãe por ser a mulher mais forte, mais linda e maior inspiração do meu mundo e ao meu pai, de quem eu herdei a teimosia que não me deixa desistir daquilo que eu acredito.

Às amigas e amigos que a vida me apresentou em Santa Maria desde o início de 2016, principalmente aquelas(es) que estiveram do meu lado durante a construção dessa pesquisa. Obrigada pelas revisões textuais e pelos conselhos, por ouvirem meus choros e pelos abraços e beijos. Eu tenho muita sorte em ter vocês. Agradeço também aos dois serzinhos lindos que mesmo longe estão há 15 anos comigo.

Às colegas de orientação Rafaela e Verônica, especialmente à Vê pelo auxílio na realização do grupo focal. E a todas as colegas de curso que ao longo desse ano de 2019 se tornaram os girassóis da minha vida, dando cor e sentido a esse processo, provando que no coletivo nos fortalecemos e crescemos infinitamente.

À minha orientadora Monalisa Dias de Siqueira por ser o nosso sol. Pelo exemplo de professora, pesquisadora e pela amiga que é.

Às mulheres que cederam o seu tempo e energia no relato de algumas vivências, despertando dores e emoções em benefício da produção de conhecimento científico, possibilitando que essa pesquisa fosse construída com muita sinceridade, amor e luta. Obrigada pela coragem e pelo incentivo, sem vocês nada disso seria possível!

Agradeço também ao querido Alisson Machado e ao estimado professor Fernando de Figueiredo Balieiro por aceitarem o convite para a banca de defesa e pelas valiosas contribuições.

Ao fim, agradeço a possibilidade de acesso e permanência em uma universidade pública, gratuita e de qualidade, (que deveria ser direito básico de todas(os) mas que, infelizmente, ainda é um privilégio).

RESUMO

“SERÁ QUE REALMENTE EXISTE ISSO?": REFLEXÕES ACERCA DA BISSEXUALIDADE E DA PANSEXUALIDADE FEMININAS

AUTORA: Danieli Klidzio

ORIENTADORA: Monalisa Dias de Siqueira

Este trabalho visa trazer à tona discussões de gênero e sexualidade a partir de reflexões sobre a bissexualidade e a pansexualidade femininas, considerando suas especificidades enquanto orientações sexuais também reivindicadas como identidades. Objetiva-se tensionar alguns estereótipos que pairam sobre essas identidades, contextualizando e analisando criticamente como vêm sendo vistas, tanto no meio acadêmico como no cotidiano das relações sociais. O universo de pesquisa é composto por mulheres jovens familiarizadas com o contexto universitário, residentes na cidade de Santa Maria – RS, acessadas a partir da interlocução em entrevistas individuais semiestruturadas e também na realização de um grupo focal. Referir-se às identidades femininas é uma decisão metodológica considerando a existência de fetichização sobre as mulheres bissexuais e pansexuais, e que há maneiras específicas de os indivíduos vivenciarem sua sexualidade, de acordo com marcadores sociais como identidade de gênero, raça e classe social. Observa-se que a concepção histórica da sexualidade limita-se ao binarismo heterossexualidade e homossexualidade, fazendo com que outra orientação sexual não seja vista como digna ou sequer como existente de fato. A bissexualidade e a pansexualidade são orientações semelhantes entre si, inclusive no que diz respeito ao apagamento que sofrem, tanto da sociedade em geral, quanto da própria comunidade LGBTQIAP+ (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis e transgêneros, queers, intersexuais, assexuais, pansexuais e outras possíveis identificações). Uma maneira de ultrapassarmos essa realidade é com a educação pública e de qualidade como ferramenta para promover o respeito à diversidade.

Palavras-chave: Bissexualidade. Pansexualidade. Gênero.

ABSTRACT

“DOES THIS REALLY EXIST?”: REFLECTIONS ABOUT FEMALE BISEXUALITY AND PANSEXUALITY

AUTHOR: Danieli Klidzio

ADVISOR: Monalisa Dias de Siqueira

This paper aims to bring discussions of gender and sexuality from reflections about female bisexuality and pansexuality, considering its specificities as sexual orientations also claimed as identities. The objective is to tense some stereotypes that arise about these identities by contextualizing and critically analyzing how they are seen both in academic environment and in the daily life of social relations. The research universe is composed of young women familiar with the university context, residing in the city of Santa Maria - RS, from the interlocution in semi-structured individual interviews and also in the realization of a focus group. Referring to female identities is a methodological decision, considering the occurrence of fetishization on bisexual and pansexual women, and that there are specific ways to live their sexuality, according to social markers such as gender identity, race and social class. Note that the historical history of sexuality is limited to binary heterosexuality and homosexuality, so that other sexual orientation is not seen as dignified or just existing fact. Bisexuality and pansexuality are similar orientations to each other, including with regard to the erasure they suffer from both society in general and the LGBTQIAP+ (lesbian, gay, bisexual, transsexual, transvestite and transgender, queer, intersex, asexual, pansexual and other possible identifications) community itself. One way to overcome this reality is with quality public education as a tool to promote respect for diversity.

Keywords: Bisexuality. Pansexuality. Gender.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 O DITO E O NÃO DITO: CONTEXTUALIZANDO A BISSEXUALIDADE E A PANSEXUALIDADE	14
3 A PESQUISADORA, O UNIVERSO DE PESQUISA E OS PERCURSOS METODOLÓGICOS	27
4 ESTEREÓTIPOS E O LUGAR DA BISSEXUALIDADE E DA PANSEXUALIDADE FEMININAS	39
4.1 “NÃO É TERMINAR UM OU OUTRO, É SER”: O BINARISMO HETEROSSEXUALIDADE E HOMOSSEXUALIDADE.....	39
4.2 PRESENÇA OU AUSÊNCIA DE PREFERÊNCIA POR UM GÊNERO	43
4.3 FETICHIZAÇÃO DOS CORPOS E DAS RELAÇÕES DE MULHERES	44
4.4 “EU SOU BISSEXUAL E NÃO SIGNIFICA QUE EU ESTOU DANDO EM CIMA DE VOCÊ”: PROMISCUIDADE, INFIDELIDADE E NÃO MONOGAMIA	46
4.5 “É MEIO QUE UM LIMBO, NÉ?”: APAGAMENTO BI E PANSEXUAL	49
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	56

1 INTRODUÇÃO

A escolha da bissexualidade e da pansexualidade como tema desta monografia é fruto de meu interesse pessoal¹, que se desdobrou como interesse profissional enquanto pesquisadora e professora em formação, dado que o tema é carecedor de olhares críticos e produções científicas. Trago inquietações para as quais busco possíveis explicações em aspectos das vivências de mulheres e nas pesquisas daquelas(es) que vieram antes de mim. O pensamento sobre a bissexualidade, principalmente, mas também sobre a pansexualidade faz parte do meu cotidiano e é ao mesmo tempo motivo de aflição e curiosidade para melhor entendê-las, fato comum em meio à pesquisa qualitativa. Por ser algo que faz parte da minha realidade é que me coloco no movimento de buscar respostas para as perguntas que já tenho e para as que surgiram ao longo da pesquisa.

A pretensão é dispor questões em debate de maneira exploratória, trilhando um caminho que leva ao questionamento de estereótipos em relação a bi² e a pansexualidade. Além disso, o objetivo é construir um diálogo pensando a importância de falarmos sobre gênero e sexualidade, palavras em voga na atualidade relacionadas ao cenário social e político, sobre as quais o avanço do conservadorismo promove discursos na tentativa de produzir episódios de pânico morais. (BALIEIRO, 2018).

A construção da pesquisa se dá ao passo em que crio uma relação com os conceitos que melhor se adequam, que fazem sentido para a realidade com a qual me deparei durante a coleta e análise de dados. A ideia é que não se tente encaixar a realidade em uma teoria previamente fixa, e sim que se busque perceber e refletir sobre os conceitos ao longo do desenvolvimento dos processos da pesquisa. Tomo como premissa a partir disso, destacar quem sou em relação ao meu tema de pesquisa, como me coloco, e a maneira como se dá a transformação desse ao passar de uma mera fonte de inquietação a um problema de pesquisa.

Desde a adolescência tive experiências permeadas por discursos e imagens que configuram representações da sexualidade que geram uma moldura para a construção da minha identidade. Entendo que, pelo simples fato de eu fazer parte da “paisagem” que

¹ Essa monografia é escrita em primeira pessoa, sinalizando a maneira como foi produzida quando desde a escolha do tema, me coloco como sujeito-pesquisadora enquanto mulher bissexual, pois não acredito ser possível e sincera essa desvinculação. Não vejo a possibilidade da produção de conteúdo científico verídico e respeitoso por vias de uma suposta neutralidade. (VELHO, 1978). Não há produção de conhecimento de maneira desinteressada.

² Ao longo desse trabalho utilizarei a expressão “bi” como abreviação de “bissexualidade” e “bissexuais” visando tornar a leitura mais agradável.

pesquisa (VELHO, 1978, p. 126) não tenho propriedade de fala e conhecimento acerca de como se dá a construção e afirmação de uma orientação sexual como identidade. Cada mulher tem sua vivência perpassada por diferentes fatores que impactam de diversas formas. Portanto, por mais que eu tenha um “mapa” (VELHO, 1978 p. 127) acerca da existência dessas mulheres e uma familiarização com seus lugares nesse mapa, não tenho o conhecimento de seus pontos de vista. Preciso ouvir e trazer perspectivas diversas ao mesmo tempo em que gerencio a minha subjetividade enquanto sujeito e pesquisadora nesse campo para falar de algo que me afeta sem comprometer a pesquisa.

Nasci e me criei em uma cidade pequena do meio rural onde há grande resistência a um modo de ser que não o pregado pela heteronormatividade ou “heterocentricidade” onde a heterossexualidade é concebida como a norma, configurando relações de poder. (RICH, 2012).

Cresci ouvindo na família, na escola e na igreja, que existem dois tipos de pessoas: as ditas “normais” que são as mulheres que sentem atração afetiva sexual por homens e os homens que sentem atração por mulheres. Afora isso, há as pessoas que sentem atração por pessoas do mesmo gênero que o seu ou ainda por mais de um gênero, ou sem distinção de gênero. E que são estas as que acabam sendo comumente ridicularizadas e discriminadas, por meio de falas, de piadas e de sermões acerca do que seria uma “boa conduta”. É comum ouvirmos que, no que diz respeito a sexo, “mulher gosta de homem” e “homem gosta de mulher”, o que foge disso é errado, é depravação, é pecado ou é doença.

A minha conduta em relação à minha identidade sexual foi influenciada de forma que, imaginando que se é condenável uma mulher sentir atração por outra, aquela que sente atração por uma mulher e também por um homem é mais ainda alvo de preconceito. Nunca pude especular mais do que isso por não ouvir falar dessa possibilidade de existência, a palavra “bissexualidade” não aparecia nas falas das pessoas e na programação dos canais de televisão que eu tinha acesso. Também não aparecia nos livros que eu lia, nem em filmes e nas músicas mais conhecidas. Foi somente na minha adolescência, quando comecei a procurar vídeos no Youtube e matérias em sites que conheci a bissexualidade. Em meio a isso pude perceber que é uma identidade “deixada de lado” por se falar muito pouco sobre.

Nas vivências no meio rural essa questão é ainda mais profunda. Magalhães (2017, p. 64) ao abordar o contexto das identidades LGBTQIAP+ em meio ao Movimento Sem Terra, aponta para a “ausência de referências” e “barreiras impostas por tradicionalismos”. Pouco

se discute e pouca é a liberdade para essas questões que são consideradas, muitas vezes, “coisas da modernidade”³ ou do meio urbanizado. De acordo com Magalhães (2017, p. 56):

o meio rural brasileiro é um espaço definido por suas especificidades, não somente socioeconômicas, mas como na maneira na qual oportunidades de exercício de desejo são colocadas para a juventude. O ato de “sair do armário” no campo deve ser constatado como um evento de proporções e escalas diferentes do mesmo ato no meio urbano.

Quando mudei de cidade, ingressando no meio universitário com dezessete anos, tive contato com um universo ainda circunscrito em uma sociedade heteronormativa, porém mais tolerante. Com indivíduos que estavam se despreendendo das amarras da “heterossexualidade compulsória” (RICH, 2012), que faz com que ao nascermos somos compulsoriamente lidas(os) como heterossexuais. Já sabendo o nome que se dá à minha orientação sexual e que ela é válida, conhecendo outras mulheres bissexuais, ainda assim passei um bom tempo não a mencionando e mais uma vez cristalizando-me em um universo heteronormativo.

Vivendo dentro de uma universidade pública, compartilhando conversas descontraídas com amigos, ouvindo falas de professoras e colegas em salas de aula e participando de grupos de estudos, comecei a perceber a necessidade de me colocar enquanto mulher bissexual, me permitir ser vista, ouvida e admitida. Mais do que me permitir, meu desejo é de reivindicar que as pessoas do meu círculo de convivência não reproduzam pensamentos discriminantes e/ou invisibilizadores acerca da bissexualidade.

Desse modo, a motivação é para deixar de lado a pergunta “*será que realmente existe isso?*” indo ao encontro da construção de uma educação emancipadora onde possamos falar de gênero e sexualidade nas escolas e nas ruas, sem (re)produzir violências em nossas falas. Trago a necessidade da educação comprometida com a crítica social e com os direitos sexuais, sociais e políticos, considerando que “educar não se esgota no tratamento do objeto, é dever do docente incentivar a criticidade, a curiosidade e a insubmissão.” (FREIRE, 2009, p. 28).

A frase que dá título ao trabalho, foi pronunciada por uma das mulheres que entrevistei e desde o momento em que a ouvi, se tornou marcante e significativa para pensar as questões da pesquisa⁴. Percebi e senti certa angústia ao ouvi-la contar sobre como as falas

³ Expressão bastante utilizada em localidades do meio rural para se referir aquilo que parece alheio à comunidade e principalmente às pessoas mais velhas. Se pensarmos em orientações sexuais não heterossexuais, elas geralmente são concebidas como novidades que estão “a surgir” com a moda, com a urbanização, com algo a que se faz uma associação pejorativa.

⁴ Foram muitos os momentos de identificação com as interlocutoras da pesquisa. Essa frase afetou-me por traduzir a delicadeza, a importância e a sinceridade como alguns dos sentimentos que permeiam essa pesquisa.

semelhantes a essa causavam-na desconforto e influenciaram seu processo de afirmação desde a adolescência. Foi quando me dei conta de que o peso que carrego ao me perceber deslocada em muitos espaços, no que diz respeito às questões de gênero e sexualidade, não carrego sozinha. E isso ao mesmo tempo em que é reconfortante, é angustiante.

Com a delimitação do universo de pesquisa às identidades femininas, parto da ideia da existência de estereótipos e pensamentos que são frutos do machismo estrutural em nossa sociedade, que fetichizam a bi e a pansexualidade femininas, como será discutido ao longo do trabalho a partir das vivências das mulheres entrevistadas. Entendendo que há maneiras específicas de vivenciar uma sexualidade e orientação sexual, bem como de construção de uma identidade sexual, de acordo com o gênero e marcadores sociais como cor, classe e localidade. Mas com o decorrer da pesquisa, essa foi apenas uma das nuances de que fazem parte a gama de estereótipos sobre a bi e a pansexualidade que discutirei nesse trabalho.

A bissexualidade é uma orientação de certa forma bastante conhecida, principalmente entre o público universitário (pelo menos dos cursos da área das Ciências Humanas). Mas isso não quer dizer que seja comumente concebida como uma orientação sexual legítima por pessoas de outras orientações sexuais. Ao buscar mais sobre o tema no meu cotidiano, percebi que há muitas pessoas bi e pansexuais ao nosso redor, mas que não sabemos. É como se a bi e a pansexualidade estivessem sempre ali, mas negligenciadas. Isso se dá tanto no meio universitário, sobre o qual me detive e procurei interlocutoras, como também na mídia.

A escolha por me debruçar também sobre a pansexualidade, como orientação e identidade sexual, se deu por perceber minimamente, e mais profundamente após a realização dessa pesquisa, que essa é uma identidade ainda menos (re)conhecida e, conseqüentemente, mais invisibilizada, sendo quase totalmente negligenciada pela sociedade em geral e pelo próprio movimento LGBTQIAP+⁵.

Ao traçarmos uma breve linha histórica, é possível dizer que a sigla “LGBTQIAP+” foi uma reconfiguração em detrimento da antiga “GLS” (gays, lésbicas e simpatizantes) e, em seguida, de “GLBT”, a partir da reivindicação de maior visibilidade de lésbicas e da inclusão do “B” e do “T”. Como mencionado anteriormente, ao longo dos anos a sigla vem sendo discutida e passa por modificações sem um consenso do movimento social e do meio acadêmico, ainda assim, “LGBT” continua sendo a mais utilizada. No que diz respeito à

⁵ Há uma variação de siglas utilizadas pelo movimento social para contemplar a comumente chamada “comunidade LGBT”. Nesse trabalho optei por utilizar a sigla LGBTQIAP+ que além de lésbicas, gays, bissexuais e transexuais, travestis e transgêneros, inclui queers, intersexuais, assexuais, pansexuais e outras possíveis identificações.

imagem hegemônica do movimento e às redes que se constituem, percebe-se ainda a antiga centralidade de gays e lésbicas brancas(os), cisgêneras(os) e de melhores condições econômicas. Esse argumento faz parte do que entendo aqui como reflexo da concepção histórica da sexualidade, onde o binarismo “heterossexualidade versus homossexualidade” contribui para ocultar outras identidades.

Tomo “gênero” e “sexualidade” enquanto categorias de análise pelo viés da construção social, considerando que não há uma essência e que "tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade - as identidades são sempre *construídas*, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento". (LOURO, 1997, p. 27). A subjetividade está presente naquilo que somos por conta da nossa cultura e história, por conta do que aprendemos no dia a dia nas relações familiares, na escola, nos meios de comunicação e nos livros, por exemplo. Não nascemos determinadas(os), e sim nos construímos como sujeitos conforme se dá o nosso aprendizado e as nossas relações sociais. A partir de como vemos o mundo e como nos relacionamos com ele e conforme vemos a nós mesmas(os) e às outras pessoas, sendo um processo de (des)construção ancorado na educação.

Por conseguinte, falar de gênero e sexualidade nas pesquisas acadêmicas e nas escolas não é simplesmente falar sobre sexo, não é falar puramente de preceitos biológicos, não é sexualizar crianças e jovens, e sim tomá-lo como conceito teórico para interpretar criticamente o mundo a nossa volta a fim de não naturalizar as desigualdades que derivam desses marcadores sociais. A antropóloga Gayle Rubin (2017, p. 78-79) nos traz em conformidade com o filósofo Michel Foucault, que o sexo é construído socialmente, sem que haja uma essência. Desse modo, “a sexualidade humana não pode ser compreendida em termos puramente biológicos.” Ao propor uma teoria radical do sexo que “deve identificar, descrever, explicar e denunciar a injustiça erótica e a opressão sexual”, temos as ferramentas para que se fuja do essencialismo e se perceba por vias do construtivismo que:

a sexualidade é impermeável à análise política se for concebida primariamente como um fenômeno biológico ou um aspecto da psicologia individual. A sexualidade é tão produto da atividade humana como são as dietas, os meios de transporte, os sistemas de etiqueta, as formas de trabalho, as formas de entretenimento, os processos de produção e os modos de opressão. Políticas do sexo mais realistas serão possíveis quando ele for compreendido em relação a uma análise social e histórica. (RUBIN, 2017, p. 79).

Precisamos falar sobre gênero e sexualidade e pensar a influência do meio social sobre as identidades sexuais. Não porque o meio social as determina coagindo as pessoas a "virarem" bi ou pansexuais, por exemplo, mas sim porque influencia o reconhecimento, a

aceitação e a afirmação do que se é. Quando falamos de identidades sexuais que não sejam heteronormativas, estamos falando de algo que está do lado de fora da caixinha que contém o que a sociedade em geral toma como aceitável e que, portanto, está à mercê de um olhar de aversão, sofrendo influências que são, muitas vezes, mais negativas do que positivas.

A educação como meio e processo socializador e formativo dos indivíduos é ferramenta e campo de discussão dessas questões. É onde elas se apresentam e para as quais devemos olhar durante a formação de crianças e jovens, por simplesmente fazer parte de suas vivências e do meio social como um todo, influenciando nos processos políticos, nas condutas religiosas e na constituição dos direitos civis.

Dessa forma, nos capítulos que se seguem, trago a contextualização das identidades sexuais abordadas; em seguida a descrição do processo metodológico, e por fim a discussão de alguns estereótipos pensando o lugar e a imagem dessas identidades. Isso tudo, a partir da realização de entrevistas e grupo focal com as interlocutoras, juntamente com a argumentação da bibliografia já produzida e os conceitos aos quais recorri para agregar sentido à análise.

2 O DITO E O NÃO DITO: CONTEXTUALIZANDO A BISSEXUALIDADE E A PANSEXUALIDADE

Chegou a hora de falarmos sobre o sexo. Para alguns, a sexualidade pode parecer um tema sem importância, uma dispersão frívola de problemas mais graves, como pobreza, guerra, doença, racismo, fome e destruição nuclear. Mas é justamente em épocas como esta, quando vivemos com a possibilidade de enfrentar uma aniquilação inimaginável, que as pessoas tendem a sair perigosamente dos eixos no que diz respeito à sexualidade. (RUBIN, 2017, p. 63).

Este capítulo é dedicado à discussão de alguns pontos que derivam da revisão bibliográfica que integra também o referencial teórico que me serve de base. Apresento reflexões sobre personagens de séries, manchetes e comentários sobre personalidades famosas como recursos contextualizadores do universo da bi e da pansexualidade, pensando no que é dito e no que ainda é negada a palavra.

A concepção da sexualidade por vezes restringe-se ao espectro biológico dos corpos e das relações. Com as produções culturais de cada grupo e sociedade, tanto Ocidental como Oriental, e os estudos que versam acerca disso, podemos saber que quando falamos em sexualidade devemos ter em mente que não estamos falando apenas de sexo (de relações sexuais), pois ela não é um campo isolado.

As relações de gênero e sexualidade são vitais e intrínsecas à humanidade. Nesse aspecto a sexualidade é construída cultural e socialmente e, portanto, varia de uma região, de um grupo, de uma cultura para outra. É fundamentada e apreendida através de regras sociais próprias dos diferentes modos de vida. Segundo Danielle P. M. de Barros (2008, p. 4) sobre a concepção da sexualidade na cultura Ocidental com base em Highwater (1992):

teve origem na mitologia primitiva, denominada pré-helênica, datada de 200.000 a.C. a 5000 a.C. As Ciências Sociais vêm estudando a base dos preconceitos sociais, recuperando antigas lendas que foram reescritas por homens, a fim de servir a interesses patriarcais Assim, observa-se, por exemplo, que a subjugação feminina não é fato marcante em todas as épocas e sociedades.

Encontrei trabalhos relevantes sobre a bi e a pansexualidade femininas que se tornaram base para dar os meus primeiros passos com o tema. A maioria está situada em áreas do conhecimento como a Psicologia, a Psicologia Social e a Saúde, pouquíssimos foram produzidos nas Ciências Sociais sobre essas identidades. São pesquisas que mostram que essas discussões são recentes e apontam a carência de explicitar muitos pontos, pois, afora isso, há uma variedade de monografias, teses, dissertações e anais de eventos que versam sobre temas como identidades LGBTQIAP+, identidade política, saúde LGBTQIAP+ e de

mulheres que se relacionam com mulheres etc, que apenas tangenciam a bissexualidade e, em raros casos, a pansexualidade femininas.

Maria Leão (2018, p. 25), ao falar da bissexualidade, aponta para a falta de atenção em pesquisas e coletas de dados e diz que: “a escassez de dados quantitativos e qualitativos sobre o perfil das pessoas que se identificam como bissexuais no Brasil torna-se um empecilho para averiguar quais questões seriam prementes aos bissexuais e qual o seu lugar dentro da dita comunidade LGBTQIAP+.”

De maneira semelhante Geni Daniela N. Longhini (2018), ao falar sobre as constatações em relação a bibliografia existente ao realizar sua pesquisa traz que:

Um outro direcionamento que tive deveu-se à revisão bibliográfica, a partir da qual notei dois caminhos principais de pesquisa. No primeiro grupo, as pesquisas eram sobre pessoas LGBT (com foco em mais de uma orientação sexual ou identidade de gênero), mas os/as autores/as seguiam utilizando o termo “homofobia” como guarda-chuva para todas elas. Num segundo grupo, as pesquisas eram apenas sobre homossexuais cis, utilizando novamente “homofobia”, desta vez acertadamente. Em ambos os casos, a ausência de lésbicas e bissexuais me chamou a atenção. Resolvi então que iria privilegiar outras experiências que a não a homossexual masculina cisgênera. (2018, p. 61).

Comumente, inclusive em textos que versam exclusivamente sobre gênero e sexualidade e sobre a comunidade LGBTQIAP+, no que diz respeito à identidade e orientação sexual, a bissexualidade aparece mais que a pansexualidade. Contudo, mesmo quando citada, a bissexualidade é colocada como simplesmente uma espécie de homossexualidade. Ou seja, grande parte dos trabalhos que encontrei tratam sobre a bissexualidade feminina de maneira indireta, pautando-a no conjunto da “homossexualidade feminina” ou de “mulheres homossexuais” ou “lésbicas e bissexuais”.

Barros (2008, p. 47) afirma que:

O número de indivíduos que apresenta comportamentos e interesses bissexuais é maior do que se supõe. A afirmativa de suposição, e não de certeza, deve-se a pouca discussão deste tema, pois a sociedade tende a analisar a sexualidade em sua polarização, isto é, entre a heterossexualidade e a homossexualidade.

Como menciona Elizabeth Sara Lewis (2012, p. 73) “a bissexualidade, quando não totalmente esquecida, é geralmente mencionada só como parte de uma lista (“gays, lésbicas, bissexuais, transexuais, transgêneros, intersexuais...”), mas não examinada, questionada e problematizada profundamente”. Constata-se que as orientações sexuais que abordo aqui são

costumeiramente trazidas apenas como um adendo ao que se refere a gays e lésbicas, de modo que são apenas citadas, sem serem alvo da discussão.

Ao olharmos especialmente para a pansexualidade, a partir da pesquisa bibliográfica que realizei, é possível dizer que o número de trabalhos acadêmicos é quase nulo ou quando existem seguem a mesma abordagem superficial da bissexualidade. O que reflete o desconhecimento ainda mais latente sobre essa orientação sexual, sendo os sujeitos que a reivindicam como identidade, alvos de deslegitimação inclusive pela comunidade LGBTQIAP+. A pansexualidade, mais ainda que a bissexualidade, acaba não sendo levada a sério, sendo vista somente como uma forma de chamar a atenção e de parecer descolada(o)⁶.

Muito disso pode se dar pelo fato de que a pansexualidade surge mais tardiamente, como uma identidade sexual pela reivindicação de pessoas que afirmavam não se sentirem contempladas pelo termo “bissexual”, que conforme seu prefixo derivado do latim “bi” significa “dois” gêneros, remetendo apenas ao binarismo mulher e homem sem contemplar enquanto orientação sexual e a atração por outras identidades de gênero. Porém, no meio em que me encontro, percebo uma ressignificação do termo. Muitas pessoas concebem sua bissexualidade como sendo o desejo e atração por pessoas do mesmo gênero que o seu e de outros gêneros. Fluindo para a concepção da atração sem distinção de gênero ou como costuma-se dizer, atração simplesmente por “pessoas”.

Tem-se no imaginário social a(o) pansexual como aquela(e) que se relaciona com homens e mulheres, qualquer objeto ou seres não-humanos (como árvores, por exemplo). Essa ideia é bastante difundida pelo senso comum e denota a falta de informação sobre questões que se referem à diversidade sexual. Associa-se, nesse caso, a pansexualidade à depravação a partir da ideia de que pansexual é aquela pessoa que pratica atos sexuais e desenvolve sua sexualidade se relacionando com objetos e animais além de pessoas.

Especula-se que isso decorre da polêmica que fez com que a palavra “pansexual” ficasse minimamente falada na época, quando o roqueiro brasileiro conhecido como Serguei teria declarado ser pansexual por se relacionar com uma árvore. A imagem da pansexualidade como essa ideia de liberalidade sexual espalhou-se sendo alvo de manchetes e comentários na mídia, como ilustra o título do site de notícias “Guia da Semana”: “Pansexualidade e a

⁶ Ser ou parecer descolada(o) refere-se a alguém que busca a sociabilidade remetendo a algo da moda ou àquilo que é moderno, novo e diferente. Aqui, refiro-me ao uso negativo da palavra, ou seja, a pessoa descolada nesse sentido seria aquela que está buscando chamar a atenção no contexto em que está inserida.

atração por tudo e todos – com essa tribo, qualquer coisa pode virar fonte de prazer⁷”, que fala sobre o cantor tendo-o como maluco e confuso sexualmente.

Em paradas LGBTQIAP+, geralmente chamadas “paradas LGBT”, atualmente os maiores eventos de celebração e ativismo político da comunidade, é comum que bissexuais não sejam citadas(os) para além do “B” da sigla e que pansexuais nem sejam sequer lembradas(os). Recordo-me de uma parada que participei na cidade de Santa Maria - Rio Grande do Sul (RS) onde durante toda a tarde e boa parte da noite pela qual se estendeu o evento, dentre todas as falas no palco, somente um homem utilizou a palavra “bissexualidade” e, certamente, porque ele é bissexual.

Isso reflete o cotidiano quando bi e pansexuais integrantes de movimentos sociais e políticos são tratadas(os) apenas como simples aliadas(os), como apoiadoras(es) assim como a comunidade em geral. O que remete a sigla antiga “GLS” onde encaixavam-se na categoria “simpatizantes” já que não se concebiam nem como heterossexuais ou homossexuais, mas não eram incluídas(os)⁸, e ainda não o são, efetivamente.

A partir desse exemplo de quando integrantes de um movimento e suas experiências enquanto indivíduos e sujeitos políticos são invisibilizados, trago a importância da crítica da teórica negra Lélia A. Gonzalez (1935 – 1994). A autora pontua a insuficiência das categorias de análise nas Ciências Sociais por não darem conta das experiências de mulheres negras. Cláudia P. Cardoso (2014), ao pesquisar o pensamento de Gonzalez a respeito da crítica à ciência moderna, aponta que a autora a compreende

(...) como padrão exclusivo para a produção do conhecimento, vê a hierarquização de saberes como produto da classificação racial da população, uma vez que o modelo valorizado e universal é branco. [...] desenvolveu inúmeros escritos acerca da situação de exclusão e discriminação a que estavam submetidas as mulheres negras, tanto no contexto brasileiro quanto no cenário latinoamericano, defendendo “a articulação entre as categorias de raça, classe, sexo e poder” para desmascarar “as estruturas de dominação de uma sociedade”. (CARDOSO, 2014, p. 971 - 972).

A teórica feminista estadunidense Kimberlé W. Crenshaw (2004) quando nos fala sobre a discriminação da mulher negra traz proposta semelhante partindo do conceito de interseccionalidade, a partir do qual devemos exercitar o olhar que transpasse as noções de gênero e raça em qualquer análise.

⁷ Disponível em: <<https://www.guiadasemana.com.br/comportamento/noticia/pansexualidade-e-a-atracao-por-tudo-e-todos>> Acesso em: 19 nov. 2019.

⁸ Trago a problematização da não inclusão pelo viés da crítica aos discursos produzidos pelas outras identidades da comunidade LGBT, mas também tendo em mente a falta, muitas vezes, de união e identificação coletiva entre bissexuais e entre pansexuais. Dinâmica que por sua vez, também é travancada por não se falar, ou se falar pouco sobre a bi e a pansexualidade.

Trago a noção de intersecção de opressões como viés orientador das percepções sobre a bissexualidade e a pansexualidade, desvencilhando a categoria “mulheres” de uma noção universal. Considerando que devemos primeiramente situar de quais mulheres estamos falando e tendo em vista que qualquer indivíduo é perpassado por outros marcadores sociais e não somente o de gênero.

Crenshaw (2004, p. 8) nos traz que “a questão é reconhecer que as experiências das mulheres negras não podem ser enquadradas separadamente nas categorias da discriminação racial ou da discriminação de gênero”, assim também não é possível separarmos a análise de gênero e sexualidade da noção de raça enquanto categoria social. Onde quer que se dê esse debate, deve-se ter em mente também as influências de marcadores sociais da diferença como a identidade de gênero, classe social, territorialidade e geração.

Gosto de começar mencionando que a interseccionalidade pode servir de ponte entre diversas instituições e eventos e entre questões de gênero e de raça nos discursos acerca dos direitos humanos – uma vez que parte do projeto da interseccionalidade visa incluir questões raciais nos debates sobre gênero e direitos humanos e incluir questões de gênero nos debates sobre raça e direitos humanos. (CRENSHAW, 2004, p. 8).

Uma mulher jovem negra bissexual e de classe baixa, por exemplo, tendencialmente terá suas vivências perpassadas por elementos que uma mulher branca, de outra faixa etária e classe social não experienciou. A intersecção dessas categorias de análises nos possibilita a produção de reflexões comprometidas com a realidade e com a crítica social.

Penso a categoria “mulheres” nessa pesquisa tendo como cerne a bi e a pansexualidade femininas enquanto identidades, não é uma categoria que pode ser colocada como supostamente universal e que remete a o que hegemonicamente fez-se visível na produção acadêmica: mulheres brancas, heteronormativas e de classe abastada.

Falo especificamente de mulheres jovens, familiarizadas com o meio universitário e que constroem suas identidades sexuais perpassadas por questões de raça e classe no interior do estado do Rio Grande do Sul.

É relevante considerar o contexto interiorano do estado, tendo em vista que as vivências de gênero e sexualidade são afetadas pela cultura do tradicionalismo gaúcho que tem uma de suas características o conservadorismo. É recorrente sua disseminação em forma de racismo, machismo e LGBTQIAPfobia, personificados nos ideais de masculinidade e feminilidade presentes nas vestimentas e nas músicas típicas. Com a dinamicidade inerente

a toda cultura, é possível visualizar caminhos de desconstrução, mas que ainda andam a passos lentos no que diz respeito ao debate dos marcadores sociais mencionados.

Mariana N. Henriques (2015, p. 31), ao pesquisar a representação da identidade feminina no tradicionalismo gaúcho, discute papéis de gênero “a partir da criação da figura do peão e da prenda, por exemplo, em que o homem deveria ter determinado comportamento associado à valentia, coragem e independência, enquanto a mulher deveria ser delicada, pura, boa mãe e dona de casa”.

Além disso, pontuo que quando se pensa a sexualidade de mulheres, por mais que se tenha em comum a faixa etária e o ambiente universitário, é importante entender que não há um fio essencializador sobre as vivências de mulheres bi e pansexuais que assim como a identidade, são dinâmicas e fluídas.

A bifobia ou a panfobia que uma mulher negra e uma mulher branca sofrem se dá em níveis diferentes por conta de a construção da identidade exigir diferentes esforços. O que uma mulher negra precisará reivindicar e responder enquanto bi ou pansexual em relação ao machismo e a bifobia/panfobia é tendencialmente mais impactante e recorrente no seu processo de construção enquanto sujeito tendo em vista a questão da raça onde, por exemplo, a sua representação na mídia enquanto mulher negra já é perpassada pelo racismo e fetichização. Como será ou a que passos anda esse aspecto no que se refere a sua representação enquanto mulher bi ou pansexual? A noção de interseccionalidade novamente nos traz a ferramenta para “abordar diferenças entre as experiências efetivas de mulheres negras no dia-a-dia”. (CRENSHAW, 2004, p. 9).

Como exemplos para ilustrar essa reflexão sobre as identidades e orientações sexuais no cotidiano a partir das mídias, recordo-me de duas séries atualmente disponíveis na plataforma de streaming de séries e filmes “Netflix”, as quais seu estilo humorístico me faz apreciá-las. Ao assisti-las percebi um mecanismo de apagamento da bi e da pansexualidade.

“Friends” e “Grace and Frankie” são séries escritas pela nova iorquina Marta Kauffman em parcerias com outros criadores. A primeira é uma série dos anos 90, mais precisamente de 1994 o que talvez, faz com que não se espere nada muito diferente levando em consideração a também recenticidade dos debates sobre essas identidades. Já Grace and Frankie é uma série mais atual, tendo sua primeira temporada lançada no ano de 2015, trazendo inúmeros debates que se aventuram no campo de gênero e sexualidade e produzem representatividades.

Em Friends, Ross, um dos personagens principais, se divorcia de Carol, mulher com quem era casado. O divórcio de dá por conta de ela apaixonar-se e assumir um

relacionamento com outra mulher. Isso se dá no início da série e no seu decorrer sempre se menciona Carol como sendo a ex-esposa de Ross que “virou lésbica”. Já, em *Grace and Frankie*, de maneira semelhante, no início da série os personagens Sol e Robert divorciam-se de suas esposas, Grace e Frankie, personagens que dão nome à série, e revelam estarem apaixonados e mantendo uma relação às escondidas por décadas. A partir disso, durante a série Sol e Robert são colocados como dois homens gays que viveram um casamento de aparências. Conforme retratado, Robert e Grace não foram felizes juntos, porém, Sol e Frankie foram um casal apaixonado e mantinham um relacionamento perpassado por companheirismo e cumplicidade, o que então abriria margem a pelo menos uma cogitação de que Sol poderia ser bi ou pansexual, e não necessariamente gay.

Quando refletimos sobre a construção da personagem “Carol” em *Friends* devemos pensar que ela poderia não exatamente “virar lésbica”, mas sim descobrir-se⁹ ao longo do tempo enquanto vivia em uma relação com um homem em função da heterossexualidade compulsória. Mulheres e homens (e aqui podemos ampliar essa reflexão para pensar a vivência dos personagens Sol e Robert) passam muitos anos vivendo conforme uma orientação sexual que é lhes dada compulsoriamente desde o nascimento. Como já mencionei, ao nascermos tem-se por norma que somos heterossexuais, ou seja, devemos viver mantendo desejos e relações correspondentes a outro gênero que não o mesmo que o nosso:

Criados os corpos inertemente sexuados, ou seja, corpos tatuados pela natureza que nos ditam como devemos habitá-los, sendo a tatuagem principal a que se encontra nas genitálias, temos consequências importantes: se existem diferenças e o corpo feminino é perfeito à maternagem (portanto ao privado) e o masculino é perfeito à guerra (portanto ao público), os corpos só devem se unir também de modo perfeitamente normal: um homem com uma mulher. A heterossexualidade é o modelo de normalidade. (MÉLLO, 2012, p. 199).

O que tenciono aqui é que essas são cenas e vivências que remetem diretamente à recusa em se falar da bi e da pansexualidade. Afirmarções como “virou lésbica” é o que muitas mulheres bi e pansexuais costumam ouvir. Ademais, no caso de Sol, a série mostra que ele e Frankie sentem desejo e amor e construíram uma relação onde foram felizes, por que então nem sequer levantar-se a possibilidade de existência de uma identidade que não a heterossexualidade ou a homossexualidade? As séries trazem vivências de personagens que dão abertura para que se fale sobre a bissexualidade ou ainda sobre a pansexualidade. Porém,

⁹ O termo "descobrir-se" é utilizado em um sentido semelhante à expressão "sair do armário". Refere-se a quando a pessoa assume a identidade LGBTQIAP+, desvinculando-se da heterossexualidade compulsória.

em ambos os casos, a palavra não é utilizada, como se não houvesse a possibilidade de nomeação de vivências sem que seja pela ótica de heterossexualidade ou da homossexualidade¹⁰.

Outro exemplo é o de Marielle Franco, mulher negra, socióloga e vereadora do Rio de Janeiro (2017-2020) que foi assassinada covardemente no ano de 2018, crime político pelo qual os responsáveis ainda não foram punidos. Marielle se identificava como bissexual e mantinha um relacionamento com Mônica, costumava mencionar em suas falas a bissexualidade como um de seus marcadores sociais, inclusive no ativismo político também em prol das identidades LGBTQIAP+.

Em um vídeo que circula nas redes sociais, Marielle coloca-se como mulher negra e bissexual onde menciona: “hoje estou casada com uma mulher mas né, tenho uma filha [...]”. O conhecimento de Marielle Franco como uma figura pública e política tem se ampliado e em meio a isso é comum ouvir falar dela como uma mulher lésbica. No entanto, sua fala pontua que mesmo tendo uma filha com um homem isso não faz com que uma mulher deixe de ser bissexual. Há a insistência em negar a existência da bissexualidade quando a própria pessoa reivindica essa identidade em função de sua orientação sexual, quando as vivências e colocações, como as exemplificadas acima, proporcionam as condições que remetem ao que configura-se como a bissexualidade ou a pansexualidade.

Em novembro de 2019 a atriz e apresentadora da Rede Globo Camila Pitanga, assumiu publicamente um relacionamento que mantinha há um ano com uma mulher, sendo que até então enquanto figura pública seus relacionamentos conhecidos haviam se dado apenas com homens. Essa situação é um exemplo que podemos tomar para pensar o imaginário social acerca das identidades centrais na análise desse trabalho.

Ao acessar uma manchete do site de notícias Uol¹¹ que diz: “Camila Pitanga assume namoro de um ano com a artesã Beatriz Coelho”, me deparei nos comentários com uma questão bastante comum que é a acusação de ser apenas uma tentativa de “chamar a atenção” (já ligeiramente mencionada anteriormente) no que se refere à bi e à pansexualidade ou mesmo à possível identificação com essas identidades.

Alguns exemplos de comentários que ilustram essa ideia são: “Virou moda”; “Pura moda!” e “[...] só nos últimos meses já contabilizei mais de dúzia de mulheres lindas

¹⁰ Essa frase é central para a discussão nesse trabalho, acerca dos estereótipos da bissexualidade e da pansexualidade, derivados da concepção da sexualidade sobre os pilares do binarismo heterossexual e homossexual.

¹¹ Disponível em: <<https://tvefamosos.uol.com.br/colunas/leo-dias/2019/11/11/camila-pitanga-esta-namorando-a-artesa-beatriz-coelho-ha-um-ano.htm>> Acesso em: 23 nov. 2019.

declarando estar com outra. Seria uma forma de chamar os holofotes para as carreiras talvez já decadente?”. Há também aqueles que junto a isso pontuam que, automaticamente por assumir um relacionamento com uma mulher Camila é lésbica, como ilustra a frase: “Mais uma que não gosta do sexo oposto[...]”.

Esses comentários de leitores do site ilustram a crença de que antigamente não existiam pessoas que não fossem heterossexuais, e que hoje ainda as mulheres que assumem um relacionamento ou uma identidade não heterossexual o fazem por “falta de homens” ou para “chamar os holofotes”. Essas ideias presentes nos comentários não são mera coincidência pois fazem parte de um conjunto de afirmações que as mulheres interlocutoras dessa pesquisa (conforme veremos no capítulo 4) costumam ouvir.

Outro comentário: “faço votos que não façam essa atitude obrigatória”, integra o discurso da perda de valores e ameaça à determinada moral religiosa e familiar, que se refere à uma possível obrigatoriedade de relações não heterossexuais. Esse é um pensamento fruto da combinação entre a desinformação e o conservadorismo, que acredita que orientação sexual, assim como identidade de gênero, são escolhas feitas ao longo da vida e que a “escolha errada”, ou seja, quando não estaria de acordo com a heteronormatividade e a cisgeneridade, seria uma ameaça aos “bons costumes”.

Ao assumir a relação com uma mulher, Camila Pitanga passa a ser vista como uma mulher lésbica, sem que sequer se pense na existência de outras orientações sexuais. Os comentários “Ué, mas ela não tem filho? [...]”; “Penso que está faltando homens por isso todos os dias ficamos sabendo que mais alguém está numa relação homossexual” desenham essa ameaça como sendo a transgressão da heteronormatividade. Há ainda aqueles que afirmam, se referindo à Rede Globo, emissora de televisão onde Camila trabalha, ao dizer que a mesma “implanta a perversão da família e dos valores morais cristãos na sociedade brasileira. [...] ela quer destruir o núcleo familiar”.

A intensidade da desinformação leva ao exercício do preconceito dando espaço a suposições como o da existência de uma “ideologia de gênero” que atua em prol da implantação de uma suposta “ditadura gay¹²”. Conforme contextualiza Balieiro (2018), há episódios que denotam pânicos morais disseminados em situações que se referem à materiais e programas didáticos e educacionais e até à exposições artísticas. Ao falar sobre o episódio

¹² Os termos “ditadura gay” e “ditadura gayzista” têm sido frequentes no debate público onde grupos conservadores buscam promover censura sobre as discussões de gênero e sexualidade alegando que falar sobre tais temas incentiva crianças e jovens a “tornarem-se homossexuais”. Esses discursos vêm em contraposição à luta e conquista por direitos (entendidos erroneamente como privilégios) e são motivados por uma suposta ameaça à “família, à moral e aos bons costumes”, reivindicados como marca de uma sociedade heteronormativa.

da vinda ao Brasil da filósofa estadunidense Judith Butler, grande referência nos estudos de gênero e sexualidade, cuja imagem acaba sendo concebida como a personificação da suposta “ideologia de gênero”, o autor aponta que

A intensa reação à filósofa pode ser explicada pela consolidação de um pânico moral que reflete a oposição a políticas de reconhecimento das diferenças de gênero e sexualidade e à crescente visibilidade das questões sobre diversidade sexual no Brasil. O perigo de Butler, aos olhos de seus detratores, estaria na elaboração de suas teorias de gênero e sexualidade, o que a transformaria na maior representante do que chamam de “ideologia de gênero”. (BALIEIRO, 2018, p. 3).

As reflexões que nos auxiliam a pensar a bi e a pansexualidade trazem o conceito de “mononorma” ou “mononormatividade”. É a norma que concebe ter-se apenas um gênero pelo qual sente-se atração afetiva e sexual, mas essas reflexões apresentam-se ainda insuficientes no Brasil. Para entendermos melhor o que é a mononorma e também a ideia derivada de monodissidência, partiremos de Yoshino (2000 apud Leão 2018, p. 28):

A noção de “monossexualidade” é uma categoria analítica que engloba todas as pessoas que se atraem por pessoas de apenas um gênero, as identidades contemporâneas que se encaixam nessa definição seriam heterossexuais e homossexuais. Aos monossexuais se oporiam os bissexuais, de acordo com Yoshino (2000), ou, na linguagem corrente do ativismo bissexual brasileiro, os “monodissidentes”. O termo “monodissidência surgiu, de acordo com interlocutores, na comunidade fechada da rede social Facebook chamada “Bi-Sides”, com a proposta de que sua utilização sirva de conceito guarda-chuva para abrigar as terminologias e identidades sexuais que se referem a pessoas que se sentem atraídas por mais de um gênero.

A historiadora norte-americana Joan W. Scott (1998), elaborou a partir dos estudos de gênero uma perspectiva histórica onde busca romper com a centralidade das análises e do pensamento de mundo como sendo o “homem branco heteronormativo”. Busca ir de encontro à ideia tradicional onde tem-se como supremacia a branquitude e a heteronormatividade. Em meio a isso cria o conceito de “gênero” enquanto uma categoria de análise que se configura como um conjunto de feminilidades e masculinidades, por exemplo, que vão além do sexo biológico. Isso abre margem para pensarmos os papéis de gênero, o que historicamente cabe a uma mulher e a um homem, como o modo de vestir-se, de falar e de se relacionar com outros gêneros.

As condutas esperadas de um indivíduo para que não represente uma ameaça à norma estão no centro da geração de desigualdades, já que a norma não existe por natureza, e sim é construída socialmente. Esse é um dos pontos importantes quando pensamos nas representações sociais, na imagem da bi e da pansexualidade, aqui, exclusivamente de mulheres. São concepções construídas socialmente a partir de um parâmetro do que é certo,

natural e normal. Em outras palavras, estabelecemos na vida em sociedade aquilo que é o errado, que vai contra a “natureza”, que é “anormal” e que está sujeito a ser patologizado.

Scott (1998), pensa “gênero” como uma categoria de análise que refere às construções históricas e aos ideais fixados de o que é ser mulher e do que é ser homem. Com isso podemos pensar também o que é ser uma mulher ou um homem bi ou pansexual. Onde estão as imagens dessas identidades? Por que, muitas vezes, se age como se elas não existissem?

Teresa de Lauretis (1994), concebe o conceito de gênero indo além da noção de diferenças sexuais, de modo que não esteja diretamente ligada a elas e que com elas não se confunda. Gênero quando remete às diferenças sexuais torna-se uma concepção rasa e não dá conta de

conceber o sujeito social e as relações da subjetividade com a socialidade de uma outra forma: um sujeito constituído no gênero, sem dúvida, mas não apenas pela diferença sexual, e sim por meio de códigos linguísticos e representações culturais; um sujeito "engendrado" não só na experiência de relações de sexo, mas também nas de raça e classe: um sujeito, portanto, múltiplo em vez de único, e contraditório em vez de simplesmente dividido. [...] pode-se começar a pensar o gênero a partir de uma visão teórica foucaultiana, que vê a sexualidade como uma "tecnologia sexual"; desta forma, propor-se-ia que também o gênero, como representação e como auto-representação, é produto de diferentes tecnologias sociais, como o cinema, por exemplo, e de discursos, epistemologias e práticas críticas institucionalizadas, bem como das práticas da vida cotidiana. (LAURETIS, 1994, p. 208).

A nomeação de uma orientação sexual e a construção da identidade se dão pela necessidade de diferenciação, para dar existência, pois, para que possamos falar sobre algo, precisamos nomear. Ao adotar uma identidade se dá nome a uma existência e se abre caminho para falar sobre suas características específicas e combater aversões a ela, desnaturalizando a discriminação. Ao mesmo tempo em que com uma identidade se afirma o que se é, também se pontua o que não é.

Identidades LGBTQIAP+ realizaram o movimento de assumirem-se e com isso constituem-se como a margem da norma. Bissexuais, pansexuais, gays e lésbicas no movimento de “assumir-se” pontuam primeiramente o que não são: heterossexuais. E, no caso da bi e da pansexualidade há ainda a carência de debate para que sejam identidades vistas como diferentes da homossexualidade, a qual comumente são igualadas como se fossem apenas uma forma análoga. Como se bi e pansexuais fossem gays e lésbicas em processo de descoberta, o que contribui para a deslegitimação dessas identidades, que surgiram, justamente, para pontuar a diferença.

Conforme Leão (2018, p. 29):

O apagamento epistêmico da bissexualidade se daria de diferentes formas. Na esfera da política e da produção acadêmica, seria em não considerá-la como um tópico digno de discussão em si e, quando admitida, sua existência seria correlata ou um apêndice as trajetórias e experiências homossexuais. Outras formas de apagamento são a invalidação da bissexualidade através da associação entre bissexualidade e não-monogamia, promiscuidade sexual e a propagação de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs).

Podemos ver sites de notícias e blogs que trazem a bi e a pansexualidade de maneira que pareçam algo exótico, sexualizado ou mesmo pelo prisma de que se constituem como um enigma para quem é e para os outros. Leão (2018, p. 33) nos coloca que

A imagem majoritariamente produzida pela mídia da mulher bissexual ou com desejos bissexuais reforça a categoria sexualmente "curiosa" sendo representada em filmes e seriados por personagens dentro do padrão estético vigente (brancas, jovens, magras, sem nenhuma deficiência física ou mental...) como um recurso cômico ou de fetichização dessas personagens. A hipersexualização dos desejos e/ou práticas homoeróticas de mulheres que também se relacionam com homens perpassa os mais diversos meios e construções de narrativas.

Matérias de diversos sites trazem um conjunto de “sinais” para que você possa descobrir se é bissexual, se sua amiga ou seu amigo é. Há aquelas postagens que trazem a bissexualidade como algo que todo mundo é, ou que mulheres, por natureza, possuem maior fluidez sexual e, portanto, são “mais propensas a bissexualidade”.

Há textos em sites que trazem pautas como “Mulher bissexual: 6 dicas para descobrir se ela curte os dois sexos!”¹³ que pintam a bissexualidade feminina como a libertação da mulher, como fruto da sua maior liberdade e fluidez sexual. Através de imagens de mulheres geralmente brancas, magras, extremamente femininas e sexualizadas, expressa-se um padrão estético de casais de mulheres, em uma ideia de sexualidade desenhada para agradar ao olhar tipicamente masculino heterossexual e machista.

Penso identidade como construída por influência positiva ou por um posicionamento de rejeição a imagens, falas, atos, desejos e emoções que são discursos presentes em esferas como a mídia, a escola, o núcleo familiar tradicional e a religião. Como nos traz Foucault (1998), a sexualidade configura-se como um dispositivo histórico. Segundo suas análises no Ocidente, produziu uma verdade sobre o sexo, confinando-o com o passar dos séculos ao ambiente doméstico da casa e da família, construindo-se um ideal de sexualidade sadia como sendo a heteronormativa, do casal monogâmico e composto por um homem e uma mulher,

¹³ Disponível em: <<https://www.somossugar.com.br/como-descobrir-se-uma-mulher-e-bissexual/>> Acesso em: 19 nov. 2019.

tendo a procriação como objetivo. Também me atendo à noção de identidade política levando em conta o que traz Leão (2018, p. 32) quando diz que

as mulheres bissexuais surgem como uma identidade política em uma relação igualmente imbricada e tensa com as lésbicas. Apesar de encontrarem em suas organizações espaços onde é possível elaborar sobre diversos temas que tangenciam seus cotidianos, identificar-se como bissexual é constantemente fonte de tensões.

Dentro das concepções da sexualidade, a bi e a pansexualidade ocupam um lugar de transgressão da norma, sendo vistas como o proibido e o exótico. Pautadas historicamente sob uma lógica patológica ou condenatória por desafiarem a matriz fixa e idealizada que concebe linearmente gênero, sexo e desejo, que a teórica Judith Butler (2003) problematiza, pensando em quais são as práticas e concepções de sexualidade marginalizadas.

3 A PESQUISADORA, O UNIVERSO DE PESQUISA E OS PERCURSOS METODOLÓGICOS

Nesse capítulo me atenho às especificidades da pesquisa qualitativa onde me coloco em movimento de pensar-me e repensar-me enquanto mulher bissexual, mediando essa relação com a postura e o papel de pesquisadora. Também lhes apresento a delimitação do universo pesquisado e as minhas interlocutoras, juntamente com a descrição da condução da pesquisa: as reflexões e escolhas feitas sobre as metodologias utilizadas desde a produção de dados até à análise.

A pesquisa qualitativa tem em seu princípio de surgimento a necessidade de dar conta de questões particulares que dados quantitativos não dariam, como por exemplo, os significados atribuídos, as percepções, os sentimentos e as vivências que um tema engloba e que são fruto de relatos de trajetórias e de construção íntima do sujeito. Leva em consideração que

os campos de estudo não são situações artificiais criadas em laboratório, mas sim práticas e interações dos sujeitos na vida cotidiana. Aqui, em particular, situações e pessoas excepcionais são frequentemente estudadas. Para fazer justiça à diversidade da vida cotidiana, os métodos são caracterizados conforme a abertura para seus objetos, sendo tal abertura garantida de diversas maneiras. O objetivo da pesquisa está então, menos em testar aquilo que já é bem conhecido (por exemplo, teorias já formuladas antecipadamente) e mais em descobrir o novo e desenvolver teorias empiricamente fundamentadas. (FLICK, 2009, p. 24).

É um método que se faz valioso para entender um fenômeno social que envolve indivíduos e grupos. Conforme Rosaline Barbour (2009, p. 12), serve “para abordar o mundo ‘lá fora’ (e não em contextos especializados de pesquisa como os laboratórios) e entender, descrever e, às vezes, explicar os fenômenos sociais ‘de dentro’ de diversas maneiras diferentes”. Também se faz relevante considerar as pesquisadoras e os pesquisadores, em si, como parte importante do processo de pesquisa, seja em termos de sua própria presença pessoal na condição e capacidade de reflexão que trazem ao todo, seja como membros do campo que se está estudando. (BARBOUR, 2009, p. 13).

Assim sendo, essa pesquisa foi perpassada pela reflexividade e por exposições pessoais para que fossem colocadas em pauta algumas vivências, implicando na produção das mais diversas emoções, o que aqui se mostra tanto para a pesquisadora como para as interlocutoras. O exercício tanto ao desenvolver os dados, quanto na redação dessa pesquisa, foi de não negar a minha subjetividade enquanto pesquisadora. Na tentativa de transformar

o familiar em exótico, conforme DaMatta (1978), o ideal é olharmos para a realidade com disposição para vermos aquilo que não estava sendo esperado, aquilo que não está na superfície ou presente materialmente.

Coloquei-me em um campo ciente de que o mesmo me afeta diretamente enquanto identidade perpassada por marcadores sociais. O que não impede a produção de conhecimento científico, desde que eu me coloque como pesquisadora também posicionada, expressando de onde estou falando, o que estou buscando e como articulei esses elementos ao longo da pesquisa. Trago a reflexão de DaMatta (1978), acerca da idealização de um rigor nas disciplinas sociais, em nome da qual acaba-se em uma tentativa de negar o envolvimento, que é inevitável, da pesquisadora com o campo, estando ela inserida naquela realidade já antes, ou não.

O autor ressalta a importância de ao pesquisar o familiar não insistir em vê-lo como realidade dada e conhecida por ser próxima. Esse movimento exige sensibilidade, e neste processo não há como o envolvimento pessoal não fazer parte do método. É importante considerarmos a inevitabilidade de a pesquisadora produzir impactos sobre a pesquisa de acordo com sua postura, seu olhar e suas vivências pessoais. Entendo, que a minha trajetória como mulher bissexual influenciou nesse processo, desde o interesse pelo tema até ao olhar crítico sobre as descobertas do campo, assim como também fui influenciada no que diz respeito a minha construção como sujeito ao exercitar o meu olhar investigativo e sensível.

Com base em autores da antropologia brasileira como Roberto DaMatta (1978) e Gilberto Velho (1978), vemos que o pensamento clássico de que é preciso distanciamento pessoal, em forma de neutralidade e imparcialidade da pesquisadora em relação ao tema estudado, para que o conteúdo científico seja em verdade absoluta científico e confiável, é um tanto questionável.

Edlaine de Campos Gomes (2007, p. 4) nos traz que, ao mesmo tempo em que o fato de a pesquisadora estar vivenciando intimamente a realidade pesquisada denota uma certa propriedade (não finalizada), sobre o assunto, é também motivo para que se classifique (erroneamente) o conhecimento produzido a partir daí como “contaminado” academicamente. É essa aproximação que Velho (1978, p. 126), trata como o “familiar” e é onde nos coloca dois pontos principais: o inevitável envolvimento da pesquisadora com o seu objeto de pesquisa e a ideia de que o que é familiar, é conseqüentemente conhecido e o exótico, por sua vez, desconhecido. Penso, conforme Waleska de Araújo Aureliano (2007, p. 14), que apesar de eu fazer parte da realidade pesquisada, ou seja, “pesquisar um cotidiano que também é meu”, ao ler sobre isso e conversar com outras pessoas, bebendo de diferentes

perspectivas, eu enquanto pesquisadora me reposiciono e passo a olhar “com lentes de aumento” para esse cotidiano.

Velho (1978), coloca que a familiaridade não dá propriedade para se falar cientificamente sobre algo, mas que é um terreno fértil para que surjam indagações e desejos de encontrar respostas sobre o tema. Pensando assim, tenho como problema de pesquisa, entender quais as concepções gerais sobre a bi e a pansexualidade com base na análise de alguns aspectos das vivências de mulheres em meio às suas construções enquanto bissexuais e pansexuais.

Para constituir o universo de pesquisa, realizei uma busca por mulheres bi e pansexuais a partir do meu círculo de convivência, tanto nas redes sociais como nos espaços da Universidade Federal de Santa Maria. Das nove interlocutoras, eu conhecia previamente cinco delas, mas nunca havia conversado sobre a bi ou a pansexualidade com nenhuma. Com as que eu não conhecia, estabeleci contato para falar sobre a pesquisa por observar nas redes sociais, em postagens, filtros do Facebook, ou por indicação de amigas e amigos, que elas identificavam-se como bissexuais. Utilizei-me das redes sociais Facebook, Whatsapp e Instagram para me apresentar e explicar resumidamente o projeto da pesquisa, propondo uma entrevista individual.

Por seguir a influência do meio em que estou inserida, minhas interlocutoras são mulheres jovens (com idades que variam entre 20 e 30 anos), cisgêneras, negras e brancas, de classe baixa e universitárias. Das nove, sete são estudantes da Universidade Federal de Santa Maria (USFM), uma possui formação recente nessa mesma instituição e uma é estudante de outra instituição de ensino superior da região. Apenas três são da cidade de Santa Maria, a maioria nasceu e cresceu em cidades pequenas do interior do Rio Grande do Sul e passou a morar em Santa Maria em função da universidade.

Para a produção e a coleta de dados, realizei entrevistas individuais semiestruturadas com nove mulheres, sendo oito bissexuais e uma pansexual, e um grupo focal com cinco dessas mulheres. A seguir, lhes apresento o perfil detalhado de cada uma, sob autorização das mesmas, e a partir de pseudônimos escolhidos por elas a fim de preservá-las minimamente. No momento de finalização desse trabalho o encaminhei a cada uma delas para que pudessem lê-lo previamente e me comunicar em tempo caso desejassem alguma alteração na escrita.

Alice, 22 anos, branca e cisgênera, graduanda do curso de Relações Internacionais pela UFSM, nasceu e cresceu em Terra de Areia – RS. Identifica-se como bissexual há cerca

de 9 anos, desde a pré adolescência. Alice também é educadora junto ao Projeto de Extensão da UFSM Pré-Universitário Popular Alternativa.

Elena, 25 anos, negra e cisgênera, natural de Santa Maria - RS, formada em Dança pela UFSM e mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Disse-me que apesar de se relacionar com pessoas sem distinção de gênero, até então vinha preferindo não se rotular em seu íntimo, mas compartilha de aspectos que constituem a identidade bissexual e não vê problema em ser identificada dessa forma. Elena descobriu-se na adolescência e durante esse ano de 2019, afetada por experiências como a participação nessa pesquisa, sente-se mais à vontade com a nomeação de sua identidade como “bissexual”. Além de estudante e pesquisadora, Elena é professora de dança.

Larissa, 28 anos, branca e cisgênera, graduada em Filosofia Licenciatura pela UFSM, pós-graduada em Educação e Direitos Humanos *lato sensu* pela Faculdade Palotina de Santa Maria (FAPAS) e em Ensino de Filosofia *stricto sensu* pela UFSM. Atualmente é estudante do curso de Pedagogia na mesma instituição, é natural de Santa Maria – RS e se identifica como bissexual desde por volta dos seus 25 anos de idade.

Lauren, 22 anos, negra e cisgênera, natural de Pamambi – RS, atualmente cursa Química Bacharelado na UFSM. Identifica-se como bissexual há 4 anos.

Luísa Mahin¹⁴, 23 anos, negra e cisgênera, graduada em Psicologia pela Universidade Franciscana (UFN), mestranda em Práticas Clínicas Contemporâneas, Políticas Públicas e Saúde Mental na Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). É natural de Santa Maria - RS e seu processo de identificação como bissexual teve início na adolescência, quando estava no ensino médio. Luísa Mahin integra o Coletivo Juventude Negra Feminina de Santa Maria – JuNF e atualmente é presidente do PSOL Santa Maria/RS.

Maria Bethânia, 21 anos, branca e cisgênera, graduanda do curso de Geografia Licenciatura pela UFSM, é natural de Toropi – RS e frequentou o ensino médio na cidade de São Vicente do Sul – RS. Identifica-se como bissexual desde os 17 anos de idade. Além de estudante, Maria atua em Santa Maria como educadora popular junto ao Coletivo de Educação Popular Práxis vinculado à UFSM e ao Projeto de Extensão da UFSM Pré-Universitário Popular Alternativa.

Raissa, 23 anos, branca e cisgênera, possui graduação em Matemática Licenciatura e atualmente é mestranda no Programa de Pós-Graduação em Matemática pela UFSM. Natural

¹⁴ Luísa Mahin é também o nome da heroína e figura histórica de resistência negra, nascida em meados do século XIX em Costa Mina – África e posteriormente sequestrada para o Brasil. Foi uma das líderes da Revolta dos Malês (1835), na Bahia, e mãe do poeta, escritor e jornalista baiano Luís Gama.

de São Francisco de Assis – RS, Raissa se identifica como bissexual há cerca de 1 ano e meio.

Rosa, 30 anos, branca e cisgênera, formada em Psicologia pela UFSM, natural de Selva – RS. Identifica-se como bissexual há 12 anos e trabalha como psicóloga na cidade de Santa Maria - RS.

Tereza, 20 anos, branca e cisgênera, acadêmica do curso de Educação Especial na UFSM, nasceu e cresceu em Quevedos – RS. Identifica-se como pansexual desde os 14 anos.

Nome	Idade	Cor	Orientação sexual
Alice	22	Branca	Bissexual
Elena	25	Negra	Bissexual
Larissa	28	Branca	Bissexual
Lauren	22	Negra	Bissexual
Luísa Mahin	23	Negra	Bissexual
Maria Bethânia	21	Branca	Bissexual
Raissa	23	Branca	Bissexual
Rosa	30	Branca	Bissexual
Tereza	20	Branca	Pansexual

Quadro 1.1 – Agrupamento de informações

O foco nas entrevistas individuais foi explorar como e quando as mulheres passaram a se ver como bi ou pansexual. Como as pessoas ao seu redor, seja família, amigos, ficantes¹⁵, namoradas(os) reagiram, reagem e lidam com essa informação, pensando como foi e como é o movimento de se assumirem e como se sentem assumindo essa identidade em relação à representação social.

As entrevistas orientaram-se por dezesseis perguntas preparadas para que servissem como um norte do caminho a ser trilhado durante as conversas. Consequentemente, com o grupo focal busquei promover a troca e a discussão coletiva sobre alguns dos estereótipos mais marcantes dessas identidades sexuais levando em conta as informações já coletadas com a primeira técnica.

¹⁵ Termo corriqueiramente utilizado para denominar uma relação afetiva ou sexual passageira, ou ainda não concebida como um "compromisso sério".

Entendo que conforme assinala Barbour (2009, p. 13), as(os) pesquisadoras(es)

são uma parte importante do processo de pesquisa, seja em termos de sua própria presença pessoal [...] seja em termos de suas experiências no campo e com a capacidade de reflexão que trazem ao todo, como membros do campo que se está estudando.

Pensando nisso, falar sobre a metodologia me é muito caro, pois são nos caminhos que percorremos, e sobre os quais, às vezes, pouco nos detemos, que está presente muito do que diz respeito aos sentidos de uma pesquisa. É importante que façamos a pergunta que Bauer e Gaskell (2002, p. 7-8) trazem, através de outras autoras e autores, em uma análise das vantagens e desvantagens dos métodos de pesquisa qualitativa: “qual a melhor maneira de enfrentar meu objeto?”.

Considerando como cerne da minha pesquisa aspectos das vivências de mulheres em relação às suas identidades sexuais, tornou-se necessário que eu buscasse a investigação a partir do olhar das mulheres. Enquanto agentes sociais acerca da relação dessas identidades sexuais, pensando na situação social de cada uma buscando falas mais detalhadas e contextualizadas. Escolhi utilizar entrevistas individuais não somente por serem uma das técnicas mais empregadas na pesquisa qualitativa, mas por terem por base, justamente, a capacidade de captar as subjetividades pela compreensão ampliada e minuciosa que podem fornecer a respeito de um fenômeno. Bauer e Gaskell (2002, p. 65) afirmam que uma entrevista “fornece os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação” e que tem como principal objetivo “uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações”.

Conforme apontam Bauer e Gaskell (2002, p. 65), “a entrevista qualitativa pode fornecer informação contextual valiosa para ajudar a explicar achados específicos”. Sendo uma de minhas técnicas a entrevista individual, com questões semiestruturadas, ou seja, previamente definidas, mas passíveis de complementaridade no decorrer da conversa, isso não faz com que a entrevista seja uma conversa livre sobre determinado tema, mas permite a construção de diálogos nos quais poderão ser acrescentadas ou reiteradas questões.

Alguns dos pontos da entrevista semiestruturada são que, “o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto” e que “a interação entre o entrevistador e o entrevistado favorece as respostas espontâneas”. (BONI; QUARESMA, 2005, p. 75). A entrevistadora também tem um papel imprescindível para que a pesquisa ocorra da melhor maneira possível, tanto para o bem estar da(o) informante, quanto para o melhor andamento da entrevista e da obtenção das informações desejadas. A entrevistadora ou o “entrevistador

deve ficar atento para dirigir, no momento que achar oportuno, a discussão para o assunto que o interessa fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou ajudar a recompor o contexto da entrevista”. (BONI; QUARESMA, 2005, p. 75).

Como mencionado anteriormente, o contato com as interlocutoras se deu por meio das redes sociais, entre os meses de Maio e Agosto de dois mil e dezenove. Todas as mulheres com as quais entrei em contato aceitaram o convite para participar da pesquisa. Minha ideia inicial era encontrar cerca de cinco ou seis mulheres, mas ao longo desse período estabeleci outros contatos e a ampliação do universo da pesquisa se mostrou bastante positiva por proporcionar maior acesso à diversidade nas vivências e por permitir a confirmação de possíveis compatibilidades.

As entrevistas se deram ao longo do período de quinze de Junho de dois mil e dezenove e nove de Agosto de dois mil e dezenove e tiveram em média de trinta a quarenta minutos de duração. Foram realizadas em sua maioria em meu apartamento, considerando que moro na Casa do Estudante Universitário (CEU II) no Campus Central da UFSM, que muitas das mulheres frequentam no seu dia a dia, sendo que algumas delas inclusive também residem na Casa. Fiz essa escolha pensando em proporcionar um espaço confortável para elas.

A princípio, fiquei receosa pensando que, pelo fato de as entrevistas se darem em meu apartamento pudesse haver justamente um efeito oposto e elas poderiam acabar se sentindo intimidadas, o que talvez não aconteceria se fosse em suas respectivas casas. Mas, elas aceitaram a proposta do local e não houve desconfortos nem constrangimentos. Então, das nove entrevistas, seis se deram em minha casa, as outras três foram realizadas em outros locais: com a Elena no gramado do campus da universidade, com a Rosa em seu consultório no centro da cidade e com a Larissa em uma sala no prédio do Centro de Educação da universidade, sala onde frequentamos juntas, durante esse ano de dois mil e dezenove, o grupo de estudos “Educação e Gênero”.

Sobre o grupo focal, minha intenção era possibilitar que as mulheres fossem ouvidas e que pudessem falar sobre si mesmas, não somente comigo, e sim umas com as outras. Prezei desde o início que fosse proporcionado um espaço onde mulheres bi e pansexuais pudessem se ouvir e se perceberem em meio aos seus relatos.

Orientado para que seja realizado com um número máximo de cerca de dez pessoas, o grupo focal tem como objetivo a discussão com foco em uma questão comum. Assim como as entrevistas individuais com as perguntas semiestruturadas, teve questões que foram

levantadas por mim ao longo da conversa tanto para direcionar a discussão para aspectos específicos como para incentivar o debate.

Segundo Gil (2008, p. 114):

Sua origem encontra-se nos trabalhos desenvolvidos pelo sociólogo Robert K. Merton durante a Segunda Guerra Mundial com a finalidade de estudar o moral dos militares (Merton; Kendall, 1946). Seu uso só se disseminou, no entanto, a partir da década de 1980, quando passou a ser utilizado em pesquisas mercadológicas e passou a afirmar-se como procedimento dos mais adequados para fundamentar pesquisas qualitativas em diversos campos das ciências sociais. (Morgan, 1988).

De acordo com Gil (2008, p. 114), grupos focais geralmente são utilizados como ferramentas “exploratórias” a fim de se ter uma melhor noção sobre algo, como técnicas de pesquisa em que se busca explorar um tema ou um grupo. Podem ser utilizados, portanto, para abordar um tema ou um grupo, ou ambos.

[...] quando se pretende entender em profundidade um comportamento dentro de um grupo determinado. Por exemplo, a partir da detecção de um elevado número de casos de gravidez entre adolescentes numa certa área, entrevista-se um grupo de jovens que tiveram filhos no período da adolescência. (Ceres G. Victora; Daniela R. Knauth e Maria de N. A. Hassen 2000, p. 66).

É um método que carrega consigo a importância do contexto interacional que se produz com o grupo: os relatos, as falas e os gestos em um ambiente de troca. Nascente na década de 1940, possui diferentes usos. Foi bastante utilizado em estudos relacionados ao marketing e na área da saúde. Tem como características aflorar a subjetividade de indivíduos e grupos, e coletar informações a partir da troca produzida, podendo variar de acordo com a pergunta que se busca responder e seu correspondente “nível de detalhamento”. (BARBOUR, 2009, p. 24 – 31).

Conforme aponta Barbour (2009, p. 20), o grupo focal como método pode ser confundido se usarmos o termo “entrevistas de grupo” ou “entrevista de grupo focal”. Pois, o ideal não é que se façam as mesmas perguntas para todas as pessoas do grupo e de maneira separada, sendo uma entrevista sistematizada, mas sim, se gere e analise a interação entre as participantes. A aspiração é propiciar a discussão entre as participantes a partir de um material pré-selecionado pela pesquisadora ou a partir de algumas questões centrais, tendo em vista o objetivo de pesquisa a ser respondido. A interação deve se dar com um foco a ser

mantido durante a realização do grupo, desenvolvendo-se muito mais entre as interlocutoras do que com a pesquisadora.

Sendo assim, a expressão “discussão de grupo focal” é a que melhor contempla o que foi pensada e realizada nesse trabalho. Pois, faz menção à promoção da discussão entre as integrantes do grupo focal, que possuem características em comum, sendo as mesmas mulheres das entrevistas individuais. Por terem características como a identidade sexual em comum ou semelhante, bem como o fato de todas as minhas interlocutoras serem mulheres, agrega-se valor ao método do grupo focal porque se teve um ambiente favorável para que se produzisse interação entre elas, mas sem que necessariamente se buscasse consenso.

A conversação gerada entre si produziu a riqueza dos dados que eu buscava, fugindo da ideia de que interagissem somente comigo individualmente, tendo a pesquisadora assumido principalmente a posição de incentivo à discussão, como sugere Barbour (2009, p. 21). Pensando nisso, utilizei imagens como material de incentivo, impressas e distribuídas já em um primeiro momento para cada uma das mulheres. Nelas estavam representados gráficos interativos que encontrei em uma matéria do site BuzzFeed¹⁶ mostrando percentuais e frases que referiam a estereótipos da bissexualidade, que considerei aplicáveis também à pansexualidade, pois das imagens que encontrei nenhuma sequer utilizava o termo “pansexualidade”.

É um exercício de estímulo ao debate e a imaginação onde a pesquisadora responsável assume o papel de moderadora, podendo contar com o auxílio de outra pessoa também, que está inteirada da pesquisa para perceber as reações, captar gestões e dados não ditos e que podem fugir a atenção. (BARBOUR, 2009, p. 20). Essa pessoa tem como funções principais auxiliar na gravação do áudio ou vídeo quando for o caso, e empenhar-se para perceber os dados não ditos. As expressões ao se falar em determinado assunto, o desconforto ou não das participantes, os gestos de concordância ou discordância que a moderadora principal e pesquisadora pode não perceber.

Quem auxiliar na moderação deve estar inteirada do tema e objetivos da pesquisa, estando apta a perceber esses dados não ditos, ainda que não haja necessidade de que se pronuncie verbalmente, tarefa reservada apenas para a pesquisadora ao colocar questões e suscitar pontos de discussão. Para isso, pude contar como a generosa doação de tempo e energia de Verônica, uma de minhas colegas de curso e orientação, que por estarmos

¹⁶ Título: “11 gráficos que são bem reais para mulheres bi”. Disponível no link: <https://www.buzzfeed.com/br/annaborges/11-graficos-que-sao-bem-reais-para-mulheres-bi>. Acesso em: 08/09/2019.

discutindo nossos trabalhos de conclusão de curso ao longo do semestre, estava familiarizada com o tema e a dinâmica de realização do grupo focal, bem como com as discussões de gênero e sexualidade. Também consideramos a questão de sua faixa etária e contexto serem o mesmo de minhas entrevistadas, pois chegamos a considerar que minha professora orientadora fosse meu auxílio, mas entendemos que sua presença poderia gerar um desconforto ou talvez um engessamento nas discussões das mulheres.

A organização do grupo focal exigiu tempo para que se pensasse nas questões que deveriam aparecer nas discussões, no material de incentivo e, principalmente, para a tentativa de encontrar um período de tempo em que todas as mulheres estariam disponíveis. Quando realizei as entrevistas individuais falei da minha ideia de realizar o grupo focal e fiz o convite a cada uma delas, todas se colocaram disponíveis para marcarmos. Ao término de todas as entrevistas individuais adicionei todas em um grupo que criei no Whatsapp a fim de encontramos datas e horários compatíveis.

Sua realização foi marcada para o início do mês de Setembro, em uma segunda-feira, dia dois, às dezenove horas. Sendo o único dia e turno encontrado onde inicialmente todas as interlocutoras e moderadora poderiam comparecer. Digo inicialmente, pois ocorreu que, após marcar o encontro com o grupo, uma das interlocutoras, a única pansexual, me avisou que não poderia comparecer. Por conta disso, adiei o encontro para a semana seguinte, pois já havia me precavido de que poderiam acontecer imprevistos e fiz a reserva da sala que utilizaríamos para a segunda-feira subsequente. Passado esse imprevisto e remarcado nosso encontro, outra interlocutora me avisou que não conseguiria comparecer na próxima semana pois já havia desmarcado seu compromisso na semana da data inicial. Ainda, ao se aproximar da data outras três mulheres me avisaram que não poderiam comparecer por conta de problemas de saúde, encargos acadêmicos e compromissos profissionais¹⁷. Desse modo, a realização do grupo focal se deu no dia nove de setembro de dois mil e dezenove, às dezenove horas, com cinco participantes presentes.

O encontro teve duração de uma hora e meia, tempo previamente planejado para que se findasse a discussão e que no decorrer percebi ser um tempo hábil e proveitoso para que desse conta do objetivo planejado. Ocorreu na mesma sala já citada anteriormente, onde entrevistei a interlocutora Larissa, lugar onde frequento um grupo de estudos A sala está

¹⁷ Considero importante relatar detalhadamente a organização e realização de entrevistas e do grupo focal por compreender que a reflexão desse processo faz parte da pesquisa e que enquanto pesquisadoras precisamos estar atentas para o planejamento de encontros com nossas(os) interlocutoras(es), tendo em vista os possíveis imprevistos e mudanças de planos ao longo do caminho.

localizada no Centro de Educação, tem tamanho médio (com capacidade para cerca de 20 pessoas), com uma atmosfera que considero acolhedora, organizada com uma mesa em formato oval no seu centro, onde nos dispomos durante o encontro.

Tanto as entrevistas individuais como o grupo focal foram gravados, com permissão prévia das interlocutoras, e foram transcritas em arquivo de texto por mim. Logo após a realização das entrevistas ouvi os áudios minuciosamente e realizei a transcrição. Optei por fazer dessa forma por acreditar que me proporcionaria maior imersão nas falas e melhor concepção e organização dos dados.

Ao fim das transcrições das entrevistas individuais organizei em um quadro em arquivo Word as respostas referentes aos principais pontos de cada entrevista, aqui já mencionados, através dos quais me orientei para pensar a construção da identidade. Com a criação desse quadro pude visualizar melhor quais eram as percepções compartilhadas e concluir previamente quais os pontos considerados mais problemáticos que elas lidavam no dia a dia. A partir daí, organizei o material para utilizar no fomento à discussão no grupo focal com relação aos principais estereótipos. Após a transcrição das falas do grupo focal também as organizei em um quadro, dividindo-as por estereótipos que serão discutidos mais detalhadamente no decorrer do próximo capítulo.

Assim como nas entrevistas individuais, na realização do grupo focal fui perpassada, e acredito que minhas interlocutoras também, pelas mais diversas emoções e inquietações. Houve momentos em que sorrimos juntas ao perceber que não estávamos passando por determinadas situações relacionadas à identidade sexual isoladamente, (e aqui me incluo por também compartilhar de muitos dos relatos trazidos). Falo da sensação de se reconhecer na outra, de perceber que você não é a única a se sentir objetificada ou invisibilizada, e a ter sua voz e identidade muitas vezes silenciada, sem saber como prosseguir.

A partir desse encontro, compreendi que grupos focais também podem ser um espaço de fortalecimento de indivíduos e grupos por conta das vivências compartilhadas. Por conta das dores, dos choros, das indignações e revoltas que fazem parte da discussão, mesmo em um contexto de pesquisa. Se reconhecer na outra pode ser mais do que sentir que você não está sozinha, é sentir que existe um “nome” para aquilo que você passa, que não é fruto da sua imaginação, que é uma violência e que o primeiro passo para reivindicar a mudança desses paradigmas pode ser o reconhecimento e a discussão coletiva. Mas também entendo que, como nos aponta Barbour (2009, p. 32), “se realmente fortalece ou não um indivíduo depende do que acontecer depois da discussão grupal”, pensando no fortalecimento de uma luta política ou de um movimento coletivo e público a partir de questões pessoais.

Vi na entrevista individual com perguntas semiestruturadas e no grupo focal a melhor maneira para ter acesso a ideias e falas de minhas interlocutoras. Entendo que falar da identidade sexual e de questões de gênero e sexualidade como um todo, pode ser como um tabu para elas ou pode trazer emoções à tona. Não é necessariamente fácil falar, em um primeiro momento em caráter de perguntas totalmente objetivas e em uma formatação de entrevista, onde não há uma relação de descontração ou de aproximação entre entrevistadora e entrevistada. Também visualizei que um ambiente de troca entre várias mulheres pode ser um agente ativo para a melhor interação.

Ponto tudo isso, considerando grande parte da leitura metodológica e uma revisão bibliográfica de mapeamento do cenário que diz respeito ao meu universo de pesquisa já realizados, pois somente assim tive condições de desempenhar o papel de entrevistadora e moderadora, tentando me empenhar ao máximo pensando no melhor meio de conduzir as entrevistas e a discussão de grupo.

A realização das entrevistas e do grupo focal, tiveram significado, assim como está sendo a (re)construção por escrito do vivido nessa pesquisa, para além da minha primeira experiência como pesquisadora. Foram momentos de crescimento na dinâmica de fala e de escuta, enquanto mulher bissexual de uma cidade do interior, que pela primeira vez viu a pauta sendo colocada como central, como existente e válida, tendo as discussões fluindo naturalmente.

As entrevistas começaram com falas tímidas e terminaram com abraços e agradecimentos. O grupo focal começou com cinco mulheres um tanto acanhadas no início, mas no final umas mais faladeiras que as outras, e uma pesquisadora em iniciação em uma tarefa que exigia responsabilidade e análise; que estava ansiosa e que talvez tenha se empolgado e falado demais, mas que no fim deu tudo certo, considerando que com a experiência sempre há o que aperfeiçoar.

Começamos com risos tímidos, compartilhamos vivências com indignação, soltamos gargalhadas e terminamos um grupo focal em lágrimas, fruto de emoções que eu abraço nessa pesquisa, pois fazem de nós humanas e fazem de mim pesquisadora, além de serem o motor da pesquisa científica na área das Ciências Sociais.

4 ESTEREÓTIPOS E O LUGAR DA BISSEXUALIDADE E DA PANSEXUALIDADE FEMININAS

Este capítulo dedica-se a discutir alguns estereótipos da bi e da pansexualidade. Estereótipos são ideias ou imagens preconcebidas e que tendem a seguir um padrão, sendo reproduzidos e observados por diversas pessoas em diferentes espaços. Na escrita divido-os em subtítulos que lhes apresento a seguir. Ao final, tenciono qual é o lugar que essas identidades ocupam em meio a sexualidade e suas formas de classificação.

Encontrei, tanto nas conversas individuais com as interlocutoras, como no grupo focal, exemplos que denunciam e possibilitam trazer essas reflexões à tona. Também, grande parte da significação das falas e reflexões aqui trazidas é mencionada em outras pesquisas sobre o tema, o que nos mostra o seu caráter recorrente. As mulheres com as quais conversei individualmente, através de perguntas mais específicas pude perceber que, por serem jovens e de cidades de interior, possuem um processo específico de construção de identidade que teve o meio universitário e o movimento de saída da casa dos pais, para muitas, como campo de libertação.

Em meio a essas especificidades e enfrentamentos em relação a um padrão de gênero e sexualidade, essas mulheres me contaram suas percepções onde puderam pensar e olhar para seus processos pontuando questões. Perceber pelo que são perpassadas, a partir da definição da situação na qual se encontram (GEERTZ, 1999) e que representa o que muitas mulheres individualmente passam, mas que se configura como um conjunto de faíscas de uma estrutura violenta. Pensar a rede de relações sociais delas nesse contexto me fez refletir sobre a percepção de alguns dos estereótipos presentes no imaginário social (as imagens, as falas, as piadas etc.).

4.1 “NÃO É TERMINAR UM OU OUTRO, É SER”: O BINARISMO HETEROSSEXUALIDADE E HOMOSSEXUALIDADE

A frase que dá título a essa subseção foi mencionada logo no início do grupo focal por Tereza, ao falarmos sobre um dos estereótipos mais difundidos e violentos que traz a ideia de que a pessoa bi ou pansexual está passando por uma fase, que logo e certamente, será superada:

não é terminar um ou outro, é ser bissexual, pansexual, ou qualquer que seja a identidade da pessoa e que acaba que dentro ou fora da comunidade LGBT a gente acaba tendo, não necessariamente essa pergunta, mas passando por situações que demonstram que as pessoas acham que a gente tá num período de fase e não num estado constante de ser a nossa identidade. Parece que é “estar lésbica” e “estar hétero” e não “ser bissexual.

O ponto de partida da colocação de Tereza foi um dos infográficos¹⁸ que utilizei para fomentar o debate e que foram distribuídos um para cada uma das meninas. O infográfico da imagem de Tereza continha a pergunta: “Você acha que vai terminar gay ou hétero?” e fazia parte de um gráfico que continha cinco perguntas sob o título “\$\$\$ que você pagaria para não ouvir mais essas perguntas?”. Além dessa reflexão específica e da colocação de Tereza ao lê-la, o próprio título da imagem nos diz muito pois remete ao desgaste de responder esse tipo de pergunta. Brinca-se com a possibilidade de dar dinheiro às pessoas para que não façam mais esses questionamentos, que soam (e muitas vezes realmente são), como uma “fiscalização” das vivências, cobrando justificativas daquelas que se dizem bi ou pansexuais.

Elena, durante a entrevista individual, disse já ter ouvido de uma pessoa próxima: “tá, entendo gays, entendo lésbicas, mas eu não entendo quem gosta dos dois”. Essa frase é muito marcante pois representa o modo como muitas mães e pais e amigas(o) tendem a agir frente a alguém que se diz bissexual ou pansexual. Ela também pontuou sobre a relação na família e com amigas onde tenta trazer a bissexualidade à tona com naturalidade:

[...] eu tentei com que isso ficasse um pouco mais natural e que toda vez que eu falasse que eu fiquei com um menino ou que eu fiquei com uma menina que isso não fosse um choque tipo “ai fiquei com um menino”, mas tu não tava namorando “ela”? “Ah fiquei com uma menina”, mas tu não tinha...?

A resistência em entender bi e pansexuais deriva da ideia difundida que não são orientações sexuais concretas ou completas por conta de o desejo se voltar a mais de um gênero. O que por sua vez deriva da concepção de que somente a heterossexualidade ou a homossexualidade são polos possíveis enquanto orientações sexuais, nas quais há especificamente o desejo voltado para somente um gênero. Ou seja, os sujeitos com desejos que não se encaixam em uma dessas duas concepções opostas (heterossexualidade e homossexualidade) são vistos como em fases de experimentação em busca de uma decisão.

¹⁸ As imagens em formato de infográficos utilizadas para suscitar a discussão no grupo focal foram retiradas do site BuzzFeed (conforme mencionadas anteriormente na nota de rodapé número 15). Além disso, encontram-se disponíveis no “Anexo A” desse trabalho, para possibilitar um melhor entendimento das discussões no que refere às questões comuns à bi e à pansexualidade.

Afora isso, tem-se a concepção de que todas as pessoas nascem bissexuais e posteriormente desenvolvem “seu lado” homossexual ou heterossexual. Fabiana Pereira, Luciana Marques e Thomas Speroni (2012, p. 10) trazem que

A bissexualidade é marcada por Freud nas possibilidades de escolha objetal verificadas na infância, quando, antes de ser cerceada pela “moral sexual civilizada”, a criança dispõe igualmente de objetos masculinos e femininos, vivenciando plenamente sua bissexualidade – bissexualidade, esta, que por estar presente desde os primórdios de sua vida, é originária e constituinte do sujeito.

Dentro desse estereótipo é concebida a noção de que isso se dá por conta de o sujeito não se aceitar intimamente, ou seja, a mulher pode saber que é lésbica, mas ser lesbofóbica em seu íntimo e por isso dizer-se bi ou pansexual. Ou ainda, a mulher pode estar em fase de experimentação e confusa consigo mesma, de acordo com a sua socialização e, portanto, se dizer bi ou pansexual, mas com o tempo superará essa fase e terá uma orientação “concreta”.

Um exemplo ilustrativo a respeito desse estereótipo é quando Elena diz ter ouvido após afirmar sentir atração por mulheres e por homens: "não, tudo bem, se tu tá experimentando, tudo bem". E ainda quando Larissa descreve como percebe-se entendida pelas outras pessoas: "É naquele sentido mal resolvido, 'pessoa mal resolvida, tem que fazer terapia que daí consegue resolver', já ouvi isso".

O fato de vivências de mulheres que se relacionam com outras mulheres serem remetidas a ideia de estarem passando por uma fase, atinge tanto mulheres bi como pansexuais. É permeado por frases e ideais machistas onde há a resistência em se conceber uma relação sem que seja entre um homem e uma mulher.

Além disso, vivemos em uma sociedade atravessada por opressões, entre elas a heterossexualidade compulsória. Há uma estrutura de relações concebida pelo viés de uma suposta necessidade de que as relações se deem entre um homem e uma mulher, em uma visão do sexo para reprodução. Adrienne Rich (2012, p. 18), concebe a "heterossexualidade como uma instituição política que retira o poder das mulheres" na medida em que faz com que a experiência lésbica, e aqui podemos pensar também a bi e pansexual, seja " percebida através de uma escala que parte do desviante ao odioso ou a ser simplesmente apresentada como invisível". (RICH, 2012, p. 21).

Outro ponto importante que influi na consolidação da ideia de que essas identidades são uma fase, é o fato de um grande número de mulheres lésbicas, ao estarem em processo de descoberta da sexualidade, após anos encarceradas em uma série de relacionamentos

heterossexuais compulsoriamente, afirmarem-se, em um primeiro momento, como bissexuais. A partir disso, muitas vezes, se toma como regra a bi e a pansexualidade como sendo então essa fase.

Também não é incomum que entre casais os sujeitos bi e pansexuais tenham sua identidade manipulada quando comunicada, por serem definidos em relação ao gênero da pessoa que estão se relacionando no momento. Pode-se perceber essa questão nas falas de Lauren:

É, todo mundo partia do pressuposto de que eu era hétero, e daí quando eu tava com uma menina todo mundo partia do pressuposto de que eu era lésbica, e daí, quando eu tô com um guri todo mundo parte do pressuposto de que eu sou hétero, as pessoas agem como se não existisse a bissexualidade no geral assim. [...] E daí depois quando eu comecei a namorar com o meu atual namorado que no caso é homem, daí tipo agora eles meio que me enxergam como hétero sabe, é como se eu não fosse bi assim. [...] as pessoas nem pensam que existe outra possibilidade além de tu ser heterossexual, tipo se tu tá namorando um homem tu é heterossexual e pronto.

Uma mulher ou um homem bi ou pansexual, por exemplo, acabam por serem lidas(os) conforme a pessoa com quem se relacionam ou de acordo com o julgamento do padrão visual que sua aparência ou seu tipo físico mais se encaixar. A roupa que vestem, o jeito que caminham ou o corte de cabelo que usam, o que aponta a invisibilidade dessas identidades quando constroem-se padrões para cada gênero e para cada orientação sexual.

[...] no início desse ano eu raspei o cabelo né, raspei na zero todo o cabelo... bah, daí foi punk... a menina mesmo que foi a primeira que eu beijei, ela veio falar comigo assim dizendo assim que eu "nossa, que eu tinha que me livrar do lesbianismo e algumas coisas assim, porque ela é da igreja né, daí ela veio me falar algumas coisas assim, então eu fui confundida como lésbica, naquele momento em que eu raspei, só por eu não ter mais o cabelo comprido né, hã... muita gente começou a falar mais sobre isso assim, me ver como lésbica mas foi mais a partir do cabelo curto. (Raissa).

[...] se tu tá com um homem tu é hétero se tu tá com mulher tu é lésbica, se tu tá dentro do movimento LGBT ou tu é gay ou tu é lésbica, menos os de orientações sexuais, parece que nunca conseguem ver que existe a bissexualidade, então ela é invisível, total total total, total assim, e pra debates também é, tanto que a gente sempre amadurece essa questão de falar, tanto quando é um debate pra mulheres é "mulheres lésbicas e bi", sempre incluindo isso, sabe, porque só a temática de bi é muito difícil encontrar, tanto que os nosso coletivos mais fracos que a gente tem nacionalmente e em questão de estado também são os bi, são os mais invisíveis, nesse ponto, porque parece sempre que a bissexualidade é o amadurecimento da sexualidade entendeu, que é um processo e não uma orientação sexual, então parece sempre que quando alguém procura ou é lésbica ou é gay mas não o bissexual. (Rosa).

Uma série de atitudes e falas constroem representações sobre essas identidades que fogem da norma da heterossexualidade e também da homossexualidade, sendo tocadas no que tange à ideia da discriminação, por vias de exclusão ou invisibilização que procura negá-las. Luísa Mahin pontua:

Eu lembro que teve uma novela da globo que tinha uma mina bi só que a questão é que nunca falaram que ela era bi, ela era casada com um cara e acho que era a vizinha dela ou alguma coisa assim que ela começou a curtir essa vizinha e elas começaram a ficar e aí ela tava no impasse de largar o cara e ficar com essa vizinha porque ela era muito afim dessa vizinha e o cara era trouxa e aí ela largou o cara e começou a viver com essa mina e tal. Só que em alguns momentos da novela ela dizia que ela curtia os dois, que ela gostava muito dele mas que tava gostando muito dela, algo nesse sentido assim mas nunca mencionou que era uma visão da bissexualidade.

Uma mulher bissexual por exemplo, na forma mais próxima de compreensão da sua identidade é lida como "metade lésbica" ou "metade hétero". Leão (2018, p. 69-70) traz que

mulheres em relacionamentos estáveis com homens que são assassinadas por seus parceiros entram nas estatísticas de feminicídio, não se averiguando qual era o histórico de relacionamentos delas ou qual sua identidade sexual. Exceto em casos hipotéticos onde essas mulheres se posicionassem publicamente como ativistas bissexuais e suas mortes fossem sentidas e publicizadas pela comunidade LGBT, sua orientação presumida seria heterossexual.

Não conceber a bi e a pansexualidade como identidades concretas produz um imaginário que pauta os sujeitos como beneficiados pela heterossexualidade, vivendo em um campo de privilégios. Muitas vezes, acredita-se que quem se reconhece bi ou pansexual, o faz por medo de perder seus privilégios "heterossexuais". Visão frequentemente compartilhada por héteros e homossexuais, em relação aos quais a bi e a pansexualidade se construíram pontuando diferenças.

4.2 PRESENÇA OU AUSÊNCIA DE PREFERÊNCIA POR UM GÊNERO

[...] tem umas bobageiras também né, por exemplo, ah tu ficou com duas mulheres seguidas ou tu só namorou com mulheres publicamente então tu é 75% alguma coisa, sabe? “você ficou com duas mulheres seguidas, por favor, intercale com um homem para...” (Elena).

Um estereótipo que gera polêmica e atravanca a aceitação e afirmação de indivíduos bi e pansexuais é a ideia da necessidade de um mesmo nível de atração ou o mesmo número

de relacionamentos por, e com todos os gêneros. Muitas mulheres têm sua identidade deslegitimada como bi ou pansexual por estarem em um relacionamento sério com uma pessoa de determinado gênero. Por conta da não visibilidade em signos de vestimenta e/ou comportamento, são vistas e determinadas pelo olhar alheio como não sendo bi ou pansexuais “de verdade” no momento em que estão em um relacionamento com uma pessoa.

Interpreta-se isso como se ela “finalmente” tivesse se decidido. Não se considera que a sexualidade é fluida e que não é possível que se meça o nível de atração por um gênero, e que isso não deve ser buscado para a satisfação e validação alheia de uma identidade. A fala de Tereza nos ilustra essa ideia

Eu conheço muitas pessoas da comunidade LGBT que sentem atração por pessoas do mesmo sexo e por pessoas do sexo oposto mas que preferem falar que são gays ou que são lésbicas pra ter passabilidade dentro do meio. E eu fico pensando, quanto por cento tu tem que ser pra se aceitar bissexual, pansexual ou o que quer que seja. Mesmo que, por exemplo, eu tenho, apesar de eu estar em um relacionamento com um homem, eu sinto mais atração por mulheres e isso sempre foi assim por toda a minha longuíssima trajetória de 21 anos [risos].

É importante dizer que a preferência por relacionamentos ou a afinidade maior por um gênero específico não faz com que alguém seja “menos” bi ou pansexual. Levando em conta a sexualidade como afetada pela construção social, sem que haja uma essência, dificilmente será possível determinar se o desejo por um ou outro gênero (ou por pessoas não binárias) poderá ou não variar ao longo da vida.

4.3 FETICHIZAÇÃO DOS CORPOS E DAS RELAÇÕES DE MULHERES

Não, antes não né, porque as pessoas achavam que eu era hétero e eu não falava nada. Mas depois de eu ter me assumido bi eu comecei a não ter mais relacionamentos fechados, não sei, tenho certa dificuldade, eu não consigo ter um relacionamento fechado sabe... então, isso é bem complexo porque daí eu tive um relacionamento com um cara que ele se dizia hétero e eu era bi e o nosso relacionamento ele era aberto né, e daí o que acontecia era que, "beleza, Raissa quando ficava com meninas era de boas", agora, quando ficava com meninos: "Nunca mais quero ver aquele cara na minha frente..." era essa a reação, sabe? E eu ficava "e agora né? Como assim...". Ele já me conheceu eu já era bissexual, eu ficava tanto com menino quanto com menina e daí... tinha, ele fazia toda essa diferença sabe. Foi a pior coisa assim que aconteceu em relacionamento assim, quanto a minha questão de bissexual. Porque o cara era escroto assim de achar que "bah, o cara horrível mas com guria de boas". (Raissa).

Por conta do machismo o corpo da mulher é objetificado, contribuindo para forçar a sua subordinação enquanto corpo e enquanto sujeito. Sobre a bi e a pansexualidade femininas

é construído um imaginário voltado a satisfação do desejo do homem, na figuração de um relacionamento que se conserva dentro dos moldes heteronormativos. Sendo assim, no que tange à ideia da discriminação pela rejeição, as identidades especificamente femininas podem sofrer menor impacto em relação a homens bi e pansexuais, pois são justamente aceitas ou aclamadas sob o véu do fetiche não consentido e reproduzido por relações de poder.

Mariana S. dos Santos P. Teixeira e Josiane M. de Queiroz (2017, p. 4) ao falarem sobre a objetificação da imagem da mulher negra nos colocam a questão: “[...] como entender essa dualidade de um ser que é estereotipada de ser sensual, e ao mesmo tempo tão inviabilizada?” As autoras referem a objetificação do corpo da mulher negra pontuando relações de poder perpassadas por um ideal de corpo e de beleza: “mulheres brancas, magras, altas e de olhos claros”. (TEIXEIRA; QUEIROZ, 2017, p. 5).

No cotidiano brasileiro conserva-se o imaginário da mulher negra e indígena como objeto sexual passivo, como promíscua e como "boa de cama". Carla Caroline J. dos Santos em “‘Sexo e as negas’: hipersexualização da mulher negra na sociedade brasileira” ilustra que

A imagem da “mulata” sensual e provocante é vendida e representada constantemente pela televisão para o mundo; quase sempre pela ideia de que a mulher negra é um “sabor diferente” e “mais apimentado”, o corpo feminino negro é considerado exótico e pecaminoso. Essa é a brecha que sobrou para que o racismo continue a ser imposto às mulheres negras: a dicotomia entre o gostoso, o exótico e o diferente, que é, ao mesmo tempo, o proibido, o impensável, o pecaminoso que não servem para o matrimônio ou monogamia. (2014, p. 5).

Tereza durante o grupo focal, acerca do desejo feminino, pontuou:

[...] isso também tá associado ao padrão de relacionamento heteronormativo, a monogamia, a mulher tem que tá inferiorizando o próprio desejo o tempo inteiro pra tá satisfazendo só os desejos do homem a vida inteira dela. E isso de se preocupar em não reproduzir estereótipos acaba reduzindo toda a nossa experiência, tu experiencia a orientação e a identidade de gênero de uma forma totalmente diferente. Como eu no momento me entendo como uma pessoa monogâmica não quer dizer que quando eu sair do meu relacionamento, se eu sair, não quer dizer que eu não vou querer experimentar um relacionamento de amor livre, por exemplo.

Atualmente, em aplicativos de relacionamentos é comum a existência de perfis que buscam mulheres bi e pansexuais para saciar o desejo de casais ou, muitas vezes, somente do homem. Pois, existe também a falsa ideia de que mulheres naturalmente possuem maior fluidez sexual quando na verdade, em muitos casos, aceitam se relacionar com outra mulher

apenas para realizar a fantasia do homem com quem estão se relacionando. Alice e Elena durante o grupo focal ilustraram essa discussão:

Eu fico pensando nisso quando eu vejo casais no tinder, até que ponto a menina é bissexual e ela ta sendo usada pelo cara pra conseguir satisfazer fetiche dele, até que ponto isso vem dela, aí sabe. [...] E outra que as fotos são sempre das mulheres, nunca foto do homem, e a foto é sempre do peito ou alguma coisa assim, nunca do cara. (Alice).

[...] dei match com uma menina e ela já tinha namorado e ela tinha me falado e tal, e eu nunca tinha passado por isso e, não faz muito tempo foi ano passado e aí a gente saiu, a gente conversou, tipo assim, conversou horrores e ficou de boas e aí ela começou a me contar como era a relação com o namorado dela, que ela conhecia as meninas e que daí se rolava de elas ficarem e tal, (e ela usou esse termo): “aí eu levo elas pro fulano”. [...] E ela “não é porque as gurias que eu dou match e que eu saio e tal são as gurias que o meu namorado deixa, eu dou match e ele olha e tal”, e obviamente o interesse vem mais dele do que dela, aí tem aquela coisa “eu sou bissexual mas eu só posso ficar com outras mulheres” e eu fiquei “gente mas que relacionamento é esse? Muito bizarro, mas eu me sinto muito mais confortável em sair com meninas no tinder. (Elena).

Larissa também relata:

Baixei o tinder e o hapnn no meu celular e aí eu comecei a perceber a quantidade de casal ou de menina que me dava like mas dizia assim “aí eu e o meu namorado” e aí eu perguntava assim “ah mas vcs querem saber as horas ou vocês só querem me comer e me largar?”.

Assim como muitas mulheres lésbicas, mulheres bi e pansexuais são representadas na mídia, principalmente em filmes e séries sob um padrão do que é considerado uma "mulher gostosa", corpos e identidades de mulheres são fetichizadas:

Posso falar do ponto de vista assim da mídia dos quadrinhos, do ponto de vista dos heróis, quando vão tirar uma heroína do armário, nunca tiram como lésbica, tiram como bissexual pra continuar viabilizando ela se relacionar com homens porque os compradores vão fetichizar a relação daquela heroína com outra mulher e é unicamente por isso que ela é bissexual e aparece como bissexual e existe tipo mulher maravilha, mulher gato. Um panteão de mulheres que tão sendo tiradas do armário pelos criadores como bissexuais, mas só como um entretenimento pra homens que vão ver a relação delas com outras mulheres só que nunca colocando elas como lésbicas porque impede que elas continuem tendo relacionamento com homens e isso nunca pode acontecer porque têm que continuar como objeto de desejo, tipo “aí mesmo que seja uma personagem que não existe eu ainda posso ter uma chance com ela, tipo tão grande é o ego masculino. (Tereza).

4.4 “EU SOU BISSEXUAL E NÃO SIGNIFICA QUE EU ESTOU DANDO EM CIMA DE VOCÊ”: PROMISCUIDADE, INFIDELIDADE E NÃO MONOGAMIA

Tipo, não significa que eu estou dando em cima de vc, não é isso... (Larissa)

Essa tem que ser a frase da biografia "eu sou bissexual e não significa que estou dando em cima de você" (Tereza)

Além da fetichização como violência, no que diz respeito ao rompimento com a norma estrutural da sexualidade, a bi e a pansexualidade, tanto feminina como masculina, são alvo de olhares pejorativos pelo viés da promiscuidade e da infidelidade. Na discussão sobre esse estereótipo durante o grupo focal, Luísa Mahin coloca que "a bissexualidade é muito associada a uma questão de promiscuidade, de pessoas que vão a fim de curtir a vida maluca sem medir consequências". Além disso, Luísa afirma:

É, tem essa lenda de que bissexuais transam o tempo inteiro e que gostam de fazer menage e não sei o que, e eu até que curto né essa loucura toda, e é muito louco porque ao mesmo tempo em que eu não quero reproduzir o estereótipo errado que as pessoas têm da bissexualidade, ao mesmo tempo eu também curto aquilo, então é uma coisa meio esquisita assim também né, se eu me assumir bissexual fazendo várias loucuras eu vou reforçar o estereótipo mas ao mesmo tempo tem o desejo.

Há um número considerável de pesquisas que englobam a bissexualidade ao se falar sobre o HIV. Sendo bissexuais consideradas(os) mais prováveis de transmitir infecções. O que se reflete na produção das pesquisas em que bissexuais são lembradas(os), bem como nas vivências diárias onde mulheres lésbicas, por exemplo, tendem a ver mulheres bi e pansexuais como vetores de doenças, como aquelas responsáveis por contaminá-las por se relacionarem também com homens. Oliveira (2012, p. 585) traz que:

O estabelecimento de hierarquias de parcerias são estratégias de prevenção adotadas no sexo entre mulheres, na qual as bissexuais são rotuladas como "grupo de risco" e as que mantêm relacionamentos sexuais exclusivamente lésbicos como as que apresentam menores riscos de contaminação. (OLIVEIRA, 2012, p. 585).

Além da bi e da pansexualidade associadas ao perigo das doenças sexualmente transmissíveis, muitas pessoas têm receio em se relacionar com bi ou pansexuais por acreditarem que as chances de a pessoa ser infiel são maiores. Por conta da atração por mais de um gênero ou sem distinção de gênero, costumeiramente se associa essa característica a não capacidade de uma relação séria e duradoura com apenas uma pessoa. Comentários que remetem a bi e pansexuais terem "mais chances de ficar com outras pessoas" e a ideia de que sentiram falta de um gênero ou de um órgão sexual, são recorrentes.

E o que eu acho muito bizarro é que tem uma associação da bissexualidade com o poliamor direta, como se por tu ser bissexual tu vai querer ter uma relação com múltiplas pessoas. É tem até comentários de pessoas que se assumiram pros pais e daí a mãe ficou triste pensando que nunca vai casar ou nunca vai ter filho. (Tereza).

O documento "Carta a uma amiga bissexual"¹⁹, escrita em 2010 por Regina Facchini, Tatiana R. Maurano e Fabiana K. de Jesus contribui para problematizarmos essa questão:

Então precisamos discutir outra coisa também, qual é a definição de promiscuidade? É transar com mais de uma pessoa ao mesmo tempo? Se for isso, as lésbicas e os heterossexuais também o fazem e são. Eu sou bissexual, já transei e me relacionei com homens e mulheres, embora com um de cada vez. E isso envolve outras questões, como: qual o contrato de relacionamento que você tem? É de exclusividade sexual? É aberto? Aberto em relação a sexo ou a afeto também? Contratos de relacionamento independem da sua identidade sexual.

Em complemento à discussão da seção anterior, a fetichização e a promiscuidade geram entraves para a conservação da saúde mental durante o processo de afirmação da identidade. Esses são elementos que aparecem na fala de Larissa, que nos faz pensar como as representações da bi e da pansexualidade, como essa da qual estamos falando agora, são violentas e mostram que essas identidades talvez não sejam um campo onde só florescem privilégios. Larissa relata:

Eu vivi 28 anos tentando falar pra mim mesma que eu era hétero, sendo que eu sentia atração o tempo todo por meninas e outros meninos e sempre me reprimi desde pequena tentando trabalhar isso, até eu fazer análise, isso me ajudou muito a eu conseguir me entender e a tirar essa culpa, esse peso absurdo que eu tinha dentro de mim, mas ver o quanto a gente sofre, gente, o quanto a gente é vista por casais heterossexuais como uma diversão, né. Que nem a *Luísa Mahin* falou, "uma pessoa promíscua que gosta de tudo". (Larissa)

Tensiono que é, no mínimo, intrigante que bi e pansexuais sejam patologizadas(os) e relacionadas(os) à promiscuidade e até à falta de caráter, simplesmente por sentirem atração por mais de um gênero ou independente de gênero. Quando, muitas vezes, são homens heterossexuais que constituem o grupo mais ativo na busca por uma segunda mulher para se relacionarem, mantendo relações com mais de uma pessoa ao mesmo tempo (não que isso, por si só e necessariamente, implique nas características negativas comumente atribuídas à não monogamia).

Podemos pensar também no enfrentamento que bi e pansexuais que possuem relacionamentos poligâmicos, precisam realizar para terem sua sexualidade respeitada. Tem-

¹⁹ Disponível em: <http://blog-espaco-b.blogspot.com/2010/06/carta-uma-amiga-bissexual_21.html> Acesso em: 05 dez. 2019.

se a problemática de negatização daquelas pessoas bi ou pansexuais que são poligâmicas. Lewis (2012, p. 3) ao falar sobre a bissexualidade afirma:

Atualmente, vejo o que chamo de um “ciclo vicioso e paradoxal de apagamento e super-sexualização da bissexualidade”. O ciclo começa com o apagamento da bissexualidade (“não existe”, “é só uma fase”), seguido por resistência discursiva ao apagamento da parte das ativistas bissexuais, geralmente sob a forma de insistir em sempre ter sentido desejo por meninos e meninas desde a infância. Em resposta à insistência em sempre sentir desejo por “ambos” gêneros, as ativistas bissexuais sofrem discursos preconceituosos que as supersexualizam (“pessoas bissexuais são promíscuas”, “sempre precisam de homens e mulheres para serem satisfeitas sexualmente”). Para resistir a essa super-sexualização, as ativistas geralmente insistem na capacidade de ter relacionamentos monogâmicos. Isso, por sua vez, resulta novamente no apagamento da bissexualidade, pois outros/as ativistas tendem a classificar as ativistas bissexuais como lésbicas ou heterossexuais com base no gênero do/a parceiro/a no relacionamento.

Historicamente, bissexuais e homossexuais foram as pessoas associadas à transmissão de doenças ao passo em que inúmeras pesquisas atualmente apontam que o grupo de maior risco são pessoas heterossexuais. Segundo Claudia M. Mora e Simone Monteiro (2013, p. 915), “a bissexualidade ainda é reinterpretada socialmente como uma falta de limites no terreno sexual e moral pelo fato de se associar à preferência por parcelas múltiplas de ambos os sexos”.

4.5 “É MEIO QUE UM LIMBO, NÉ?”: APAGAMENTO BI E PANSEXUAL

é meio que um limbo né... eu não sei explicar assim com palavras, é mas é que é isso, é esse limbo assim, é errado você não pertencer a nenhum campo assim dessa heterossexualidade ou da heteronormatividade, de que é errado você não escolher, você não se decidir. (Luísa Mahin).

Por fim, como derivação das discussões acima trazidas, essa seção propõe-se, a partir de um apanhado geral dos estereótipos comuns da bi e da pansexualidade, a discutir qual o lugar que essas identidades ocupam e quais as afetações produzidas a partir disso.

A construção de identidades sexuais se dá de maneira diversificada de acordo com o olhar da sociedade sobre determinados sujeitos. No Brasil e no mundo, o índice de mortes contabilizados por homofobia, bifobia e por transfobia são alarmantes. Isso nos mostra como a LGBTQIAPfobia atua sobre corpos e espaços e como os mecanismos de violência e discriminação apresentam-se em movimento no cotidiano.

As mulheres com as quais conversei ao longo dessa pesquisa são jovens da mesma faixa etária que a minha, e no período recente da adolescência começaram a se afirmar como

não heterossexuais. Pontuando-se como diferentes em relação àquilo que é posto como o universal.

A adolescência é entendida socialmente como uma fase de descobertas e reivindicação e afirmação de uma identidade aos poucos construída. É marcada por descobertas que importam e que pesam. Existe, em muitas culturas, a concepção de que a adolescência é uma fase apenas de transição, sendo o sujeito que a vive, invisibilizado. É visto como se não tivesse vivências próprias e conscientes, e principalmente quando em relação às questões de gênero e sexualidade, tende-se a ver crianças e adolescentes como seres vazios, prontos para serem moldados.

Inez S. Nery et al (2015, p. 288) traz que

Esta fase de “descoberta” do próprio corpo e das possibilidades que este pode oferecer é um evento imprescindível na afirmação da personalidade sendo por isso um período em que se desenvolvem vínculos mais profundos com a família, escola e sociedade. [...] É em meio a todas essas transformações que ocorre o despertar da sexualidade de uma maneira diferenciada, sob influência das singularidades da fase. A sexualidade humana é parte da personalidade de cada ser, uma necessidade básica que deve ser abordada juntamente de outros aspectos relevantes da vida.

É comum que no processo de afirmação de uma identidade LGBTQIAP+, adolescentes e jovens sejam vítimas de discursos de deslegitimação, como se estivessem apenas passando por um período de "desvirtuação". Também, ainda sem autonomia financeira, são vítimas de violência física por pessoas da família e do círculo social, sofrem agressões físicas e psicológica em casa, nas ruas e nas escolas. Essa é uma das afetações configuradas pelo sistema cis-heterossexista e mononormativo que intersecciona-se também com outras opressões²⁰, como o racismo.

No momento em que corpos e vivências deixam de encaixar-se no padrão normativo a vida dessas pessoas entra em uma margem de maior risco. A fala de Lauren durante a entrevista individual traz à tona essa questão:

Eu sei que no momento em que eu não estiver mais me relacionando com um homem eu não vou mais ser respeitada, ou se eu sair na rua e não vou tá com o meu namorado eu também não vou ser respeitada enquanto mulher sabe. Tipo que nem quando um homem vê duas mulheres e fala “ah posso participar?”, esse tipo de coisa, ninguém faz isso quando vê um homem e uma mulher ou até quando vê dois homens não fazem isso, mas se é duas mulheres as pessoas não respeitam.

²⁰ Conforme discutido no capítulo 2.

A lógica do preconceito atua para eliminar o que ameaça a norma. Um desses mecanismos no que refere a gênero e sexualidade pode ser a concepção sobre a suposta “ideologia de gênero”, que aponta o perigo em discutirmos abertamente gênero e sexualidade, buscando silenciar discussões que salvam vidas. A aceitação de si, a manutenção da saúde física e psicológica depende da aceitação, do acolhimento e do respeito do meio.

Essa concepção também leva a um dos maiores desgastes apontados por bi e pansexuais, que é a necessidade de assumir-se cotidianamente. Leão (2018, p. 44) afirma que:

ao passo que para homossexuais “sair do armário” em geral represente formar laços comunitários e redução dos fatores de estresse e sofrimento mental, para bissexuais a pressão por “se decidir” e ter sua identidade posta em cheque ou precisar renegociar os termos com os quais se identificam a depender do parceiro, faz com que o sofrimento não diminua.

A dúvida posta sobre bi e pansexuais acerca da identidade que reivindicam e afirmam para si enquanto sujeitos, configura-se também como uma violência psicológica, que provoca sentimentos como o de angústia e solidão, em decorrência da deslegitimação constante, que vem inclusive das pessoas com quem se relacionam intimamente.

A falta de informação e abertura de espaços na vida social e na produção científica traz consequências como a confusão entre orientação sexual e identidade de gênero. Raissa, minha primeira entrevistada mencionou que, ao publicar em seu perfil no Facebook um texto sobre ser bissexual recebeu uma mensagem no privado que ilustra uma confusão comumente feita sobre o que seria a bissexualidade:

um cara veio me perguntar se eu tinha dois sexos, aí eu fiquei tipo “que? Como assim dois sexos né...” Aí eu tive que explicar pro cara que não, não tinha a ver com dois sexos, que tinha a ver com sexualidade que eram duas coisas diferentes, aí expliquei o que era bissexualidade pra ele, daí ele falou assim “ah, brigada pela explicação mas na minha época era homem e mulher”.

Essas abordagens refletem o fato de a concepção da sexualidade se dar em um sistema onde não há espaço para a bi e a pansexualidade enquanto orientações sexuais, bem como para alguma identidade de gênero transgênera, pois desafiam o padrão cis-heteronormativo. A bi e a pansexualidade, representam a ameaça a um padrão quando opõem-se a lógica de que existem apenas dois gênero possíveis: mulher e homem. Ou ainda, quando levantam a possibilidade da poligamia e do desejo múltiplo.

Facchini (2008, p. 229), pensando com base em Douglas (1976), nos fala sobre os limites da sexualidade entre o que mantém-se fiel a uma ordem, e o que a transgride. Pontua que "alguns desses limites, como a masculinização e a bissexualidade remetem à ambiguidade, sendo investidos de poderes e associados a noções de risco e perigo".

Segundo Mora e Monteiro (2013, p. 916)

Uma interpretação similar é encontrada no estudo de Facchini, no qual a ambiguidade evocada pelo estereótipo da bissexualidade é significada como “perigo”, devido ao suposto franqueamento das fronteiras entre os universos homossexual e heterossexual. A noção de perigo, nesse caso, envolve riscos à saúde sexual, por considerar que mulheres autodefinidas como bissexuais estão mais expostas à infecção por HIV, na medida em que o rótulo pressupõe prévio contato sexual com homens.

O binarismo heterossexualidade e homossexualidade coloca-se ao lado do debate da antropóloga inglesa Mary Douglas (1976), que evidencia a transgressão de fronteiras de classificação ao falar sobre as noções que desenvolvemos quando nos colocamos no exercício de classificarmos o mundo. Para a autora, adotamos noções de “pureza” e “perigo”, do que é puro e correto e do que representa o perigo por ser errado e daquelas(es) que representam o risco de contaminação.

O perigo ou a sujeira acaba por ser nada mais do que a desordem em relação a um padrão instituído, de modo que as noções de pureza e perigo são relativas, variando de acordo com o sistema de classificação e as noções gerais das sociedades. Desse modo, não existe a sujeira e o errado em essência, e sim um olhar moldado, construído socialmente, que designa como devemos olhar o mundo e classificar coisas e comportamentos em um sistema simbólico inter-relacionado.

A matriz sexo, gênero e desejo produz a ideia de uma continuidade onde o sexo determinaria o gênero, e o gênero por sua vez determinaria o desejo e as relações sexuais e afetivas que aos indivíduos é permitido ter, constituindo uma estrutura compulsoriamente heterossexual também sob uma lógica falocêntrica. A sexualidade passa a ser um campo com normas e padrões de onde podemos derivar o pensamento sobre o ideal de masculinidade, de feminilidade, de relacionamentos e de performances que se espera e exige dos indivíduos.

Essa visão traça um perfil comum e faz com que bi e pansexuais ao reivindicarem aceitação e inclusão de suas identidades, vê-se suas pautas como não carecedoras de atenção, pois são vistos como isentos de qualquer tipo de opressão. Isso pode ser percebido em espaços de socialização LGBTQIAP+ onde há uma aversão em relação a bi e pansexuais. “A letra “B” na sigla LGBT costuma ocupar um lugar meramente formal – como no movimento

quando se fala em ‘homofobia, lesbofobia e transfobia’, porém a possibilidade de haver uma “bifobia” é deixada de lado ou constantemente posta em questão.” (LEÃO, 2018, p.16).

Para Rubin (2017, p. 64):

O domínio da sexualidade também tem uma política interna, desigualdades e modo de opressão próprios. Assim como acontece com outros aspectos do comportamento humano, as formas institucionais concretas da sexualidade em determinado tempo e lugar são produto da atividade humana. Elas são permeadas por conflitos de interesse e manobras políticas, tanto deliberadas quanto incidentais. Nesse sentido, o sexo sempre é político. Mas há também períodos históricos em que as discussões sobre a sexualidade são mais claramente controvertidas e mais abertamente politizadas.

Bi e pansexuais sentem-se culpadas(os) e com um sentimento de exaustão pela necessidade de justificações acerca de sua sexualidade e isso faz com que cresça a importância de espaços de resistência e de busca por compreensão como a comunidade LGBTQIAP+. Leão (2018, p. 43), com base no artigo de Lisa Colledge et al (2015) no *Journal of Public Health*, aponta para a

fragilidade na saúde mental de mulheres lésbicas e bissexuais, mas mais acentuada nas mulheres bissexuais. Mulheres bissexuais apontariam maior índice de automutilação, transtornos alimentares, ideação suicida, tentativas de suicídio, ansiedade e depressão do que todas as outras identidades sexuais, incluindo mulheres lésbicas no Reino Unido.

Muitas mulheres lésbicas, por exemplo, tratam mulheres bissexuais com hostilidade e aversão por essas se relacionarem com homens. As falas de Elena nos ajudam a pensar um pouco mais sobre essa questão:

Essa sensação de pedir desculpas pra mim é muito mais o comentário que eu falei antes tipo to me queixando pra uma amiga lésbica que o cara, sei lá, não quis usar camisinha e daí eu fico super “ta amiga me desculpa mas é que eu ainda sinto atração por homem, ainda não cheguei no seu nível” é um pouco nesse sentido assim.

[...] as vezes eu sinto isso um pouco frágil em mim no sentido não de dúvida se eu gosto ou não mas se eu deveria ou não gostar, é como eu falei individualmente com a Dani, ah, se eu comento que eu fiquei com homens, ou se alguma amiga minha lésbica, por exemplo, surgem comentários que, às vezes, não têm a intenção de me ofender mas é aquela coisa tipo “ah, por isso que eu não fico com homem, por isso que eu larguei dessa vida” como se fosse uma evolução não ficar mais com homens. É aí se eu tô entre héteros, que ficam com homens, elas ficam assim, então isso meio que me magoa de certa forma.

Durante as entrevistas individuais ao perguntar sobre a concepção e a importância da comunidade LGBTQIAP+ como um todo, obtive respostas que mostram a necessidade de

avançar em muitas discussões, pois esse meio de resistência e de luta, acaba por também existir conforme um padrão de relações, de corpos e de discursos. Raissa, no momento em que lhe perguntei sobre o que a comunidade LGBTQIAP+ significa para ela, me colocou que “não fez muita diferença” pontuando que talvez isso se deva ao fato de ela, ali, nunca ter tido muito acesso às pessoas bissexuais. Além disso, pontuou também que:

A comunidade LGBT, não ajudou muito as discussões assim, demorou assim... eu sempre vou nas paradas assim né e daí na última parada do ano passado, tinha assim bandeira e alguma coisa bissexual, tinha os bótons com a bandeira bissexual, mas foi a primeira vez assim que eu vi algo numa parada, que eu vi que representasse algo bissexual, porque até então assim, não tinha, não tinha, não via. E daí foi a primeira vez também que houve bastante discurso sobre a bissexualidade mas foi naquela parada do ano passado assim.

Larissa, em resposta a mesma pergunta que lhe fiz, pontuou:

Eu acho a comunidade LGBT fantástica na medida em que fez muitas coisas por várias pessoas que sofrem, sofreram e ainda vão sofrer. Então eu respeito muito, luto, levanto a bandeira mas não me sinto representada, não me sinto acolhida, não me sinto ouvida, não me sinto muita coisa. Eu acho que a comunidade LGBT ela tem tido um avanço nos últimos tempos acho que a gente tem levantado a bandeira de uma forma super justa e guerreira e tudo mais, mas acredito que quando se trata da questão da bissexualidade, a comunidade LGBT tá um passo bem atrás.

De maneira semelhante, Maria Bethânia trouxe que “se fala majoritariamente sobre gays e agora mais sobre lésbicas também mas o “B” só tá ali na sigla, é raro ver algum espaço pra discutir e às vezes, se tem até o preconceito dentro do próprio movimento, né”. Alice apontou que “até quando a gente vê na internet assim a discussão é sempre o ‘G’, o ‘L’ menos né mas em geral o ‘G’”.

Ainda sobre o movimento LGBTQIAP+ e representatividade, para Tereza “tem aparecido gente pra representar e pra construir um discurso legal, ao mesmo tempo em muitos momentos a comunidade LGBT é só ‘GGGG’ e só contempla o gay que é cisgênero e branco, porque é a figura que a gente vê mais na mídia e são as pessoas que tomam pra si o discurso e protagonismo o tempo inteiro.”

Na mesma linha de reflexão Luísa Mahin afirma:

Eu acho que as discussões não me contemplam assim, primeiro que é muito difícil que se faça um recorte de raça e acho que isso já elimina boa parte do que eu sou assim, porque o meu discurso, a minha identidade, a minha militância, principalmente, ela tem como pauta central a questão da raça, sabe, e eu não vejo essa centralidade no movimento LGBT e enquanto bissexual também assim, eu vejo que a bissexualidade, a transexualidade e a pansexualidade, elas são bem invisibilizadas, sabe? O movimento LGBT por mais que seja um movimento de emancipação humana eu acho que ele precisa avançar muito pra que também seja um movimento anticapitalista assim, porque eu vejo que as pautas que dominam

são as pautas ainda daqueles que representam, de certa forma, a burguesia assim, tipo homens brancos, cisgêneros, enfim, sabe? Eles ainda têm a dominância do movimento LGBT.

Essas reflexões trazem a importância de se despir de tabus e do conservadorismo ao falar sobre gênero e sexualidade. Pois, mesmo estando dentro da sigla LGBTQIAP+, um sujeito não está imune a (re)produzir algum tipo de violência sobre outras identidades. Dentro da comunidade LGBTQIAP+, ainda há muitas questões a serem tocadas no exercício de fortalecimento e resistência daquelas(es) que são minorias em relação ao que foi estabelecido como norma.

O desconcerto das pessoas ao ouvirem falar sobre a bi e a pansexualidade, e até mesmo a audácia de afirmações que denotam a crença de que isso não existe, nos mostram a complexidade dos mecanismos de apagamento dessas identidades. Isso se dá tanto pela ameaça a mononorma que bissexuais e pansexuais representam, quanto pela possibilidade levantada, ainda que não inerente, de ameaça à monogamia. À bi e à pansexualidade cabe um limbo que configura-se por serem identidades existentes a partir de corpos e relações, mas que ao mesmo tempo não estão em lugar algum por desafiarem as regras de um sistema de classificação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não serei livre enquanto alguma mulher for prisioneira, mesmo que as correntes dela sejam diferentes das minhas. (Audre Lorde)

Esse trabalho trouxe algumas concepções acerca da bissexualidade e da pansexualidade, a partir de nuances que buscam mostrar como devemos olhar para a sexualidade e o gênero. Sinaliza a importância da produção de pesquisa científica a partir de relatos de sujeitos não pelo viés de “dar voz as(aos) fracas(os)”, e sim partindo de seu próprio lugar no mundo e perspectivas. Além disso, procura evidenciar o papel da educação na quebra de estereótipos na história construída para controlar sexualidades e corpos.

Desse modo, a bi e a pansexualidade são identidades parecidas entre si, diferindo mais em seus contextos históricos do que em seus significados. Assim também se assemelham no que diz respeito à invisibilização que sofrem, tanto no meio heteronormativo, quanto no meio LGBTQIAP+.

Entretanto, não afirmo que o agenciamento e a reprodução de preconceitos por parte de gays e lésbicas possam se igualar a de heterossexuais. Entendo que, de modo geral, indivíduos não heterossexuais tendem a ter maior sensibilidade e abertura a essas identidades, por historicamente e cotidianamente sofrerem de maneira análoga. Tanto a bissexualidade quanto a pansexualidade, enquanto orientações sexuais, diferem do campo da homossexualidade e da heterossexualidade no que diz respeito à atração por mais de um gênero. Entendendo essa como uma das principais especificidades e possíveis explicações para os estereótipos que as permeiam.

O ato de não se falar sobre essas identidades faz parte de mecanismos de apagamento, e de um campo de ação que contribui para que a bi e a pansexualidade sejam vistas como um desvio. Apesar de estamos em um contexto emergente de estudos de gênero e sexualidade, há uma carência de trabalhos científicos com o compromisso social de desmistificar e produzir a conscientização e a quebra de preconceitos. Essas identidades, tanto femininas como masculinas, acabam por serem cristalizadas nos debates, evidenciando a necessidade de discussões específicas. Permanecem em um limbo onde são, muitas vezes, percebidas, mas não reconhecidas.

Há uma série de atitudes e falas que constroem representações sobre as identidades que fogem da norma da heterossexualidade e também da homossexualidade, sendo tocadas no que tange à ideia da discriminação, por vias de exclusão ou invisibilização que procura

negá-las. E isso se dá tanto pela ameaça à mononorma que bi e pansexuais representam, como pela possibilidade levantada, ainda que não inerente, de ameaça à monogamia.

Bi e pansexuais acabam tendo que, recorrentemente, explicarem-se e justificarem-se. O movimento de “sair do armário” e de “se assumir” se dá todos os dias. A incompreensão e o conservadorismo para com essas identidades parecem ser maiores, tanto no meio LGBTQIAP+ como, e principalmente, no meio heteronormativo se comparado com as identidades gays e lésbicas.

A ideia não é que se instaure uma “ditadura gay” como pautam grupos conservadores, “convertendo” pessoas a orientações sexuais fora do campo da heteronormatividade, até porque isso é impossível de ser realizado. Mas sim, que as pessoas possam “ser o que são” sem que isso seja combatido como um crime por ameaçar a norma, sem recorrer à ideia equivocada de que a influência do meio possa inserir, através da coerção, uma orientação sexual e uma identidade de gênero.

Em todo caso, estamos, em certa medida, circunscritas em uma sociedade heteronormativa, onde a heterossexualidade compulsória atua como uma estrutura que rege relações e oprime identidades em prol da sua manutenção. Falo de vivências heteronormativas que são muito mais impostas pelo meio do que descobertas de forma natural e saudável pelos indivíduos.

O processo de pesquisa foi muito dolorido ao constatar que minhas hipóteses de que as condições de experienciação, reconhecimento e construção de si de uma mulher bi ou pansexual podem ser ainda mais angustiantes do que imaginei. Reflexos do contexto social e político do Brasil e da própria concepção das questões de gênero e sexualidade. Ao tomar como tema esse universo, me vi completamente imersa de maneira pessoal na produção dessa pesquisa, tendo os mais diversos sentimentos e emoções intrínsecos ao trabalho.

Considero que, para além das constatações analíticas, essa pesquisa teve frutos no seu processo, como as conversas sobre a bissexualidade com mulheres, onde falarem e serem ouvidas são muito importante. Identificando-se e vendo-se umas nas outras, provamos que a percepção de si e a nomeação de um preconceito e de uma violência é o caminho certo na tentativa de quebrarmos barreiras discriminatórias sem silenciar quem está à nossa volta. Avançar em conjunto com o campo dos estudos gays e lésbicos, falar mais sobre gênero e sexualidade para que as pessoas não cresçam e vivam em uma sociedade LGBTQIAPfóbica, pesquisar mais para promover o debate e o crescimento coletivo, e a quebra de preconceitos que ameaçam e tiram vidas cotidianamente.

A educação é a chave, é preciso mexer com as estruturas das normas gênero e da sexualidade. É preciso olhar para o cotidiano e para a concepção histórica pensando e questionando como o imaginário social é construído e como nos construímos enquanto sujeitos a partir dela.

É imprescindível a desnaturalização das desigualdades compreendendo os padrões sociais como construídos socialmente e não como dados, pois a história tende sempre a ser escrita pelos "vencedores". A história contada legitima o imaginário social que se desenvolve tendo como centro a branquitude, a cisgeneridade, a mononorma e a heteronormatividade, os papéis sociais ideais de homem e mulher "de verdade" perpassados por marcadores sociais de raça e inscritos em ideais de classe social.

Destaco a necessidade de debater a história pelo viés crítico das ciências sociais indo além das questões aqui trazidas; de discutir os conceitos de gênero e sexualidade na escola, que configura-se como o primeiro espaço de socialização, onde as pessoas que têm direito ao acesso à educação passam mais de uma década de suas vidas. E de pensar instâncias da construção da identidade e as vivências em meio às questões de gênero e sexualidade de crianças e jovens.

Aponto também a importância de pensar a bi e a pansexualidade de mulheres travestis, transexuais e transgêneras, precursoras do movimento social LGBTQIAP+ pela resistência contra a opressão sexual e de gênero. Grupo comumente invisibilizado quando, por exemplo, não são vistas para além do "T", como se não possuíssem orientação ou identidade sexual.

REFERÊNCIAS

- AURELIANO, W. A. **Sentir na pele, colocar no papel: uma discussão metodológica sobre emoção e subjetividade em pesquisas sobre saúde.** Anais... 31º Anpocs, Caxambu, 2007. Disponível em: <https://anpocs.com/index.php/papers-31-encontro/st-7/st03-6/2767-waureliano-sentir/file> Acesso em: 12 dez. 2019.
- BALIEIRO, F. F. “Não se meta com meus filhos”: a construção do pânico moral da criança sob ameaça. **Cadernos Pagu**, n. 53, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n53/1809-4449-cpa-18094449201800530006.pdf> Acesso em: 12 dez. 2019.
- BARBOUR, R. S. **Grupos focais.** Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BARROS, D. P. M. **A bissexualidade feminina:** da discriminação ao processo de aceitação social. 2008, 66 f. Monografia (monografia curso de Psicologia) Centro Universitário Hermínio da Silveira.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Ed.) **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** 4. ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2002.
- BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese - Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC.** Florianópolis, v. 2, n. 1(3), p. 68-80, Janeiro/Julho 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/viewFile/18027/16976> Acesso em: 12 dez. 2019.
- CARDOSO, Cláudia Pons. Amefricanizando o feminismo: o pensamento de Lélia Gonzalez. **Revista Estudos Feministas**, v. 22, n. 3, p. 965-986, 2014.
- CARNEIRO, S. **Enegrecer o feminismo:** a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. Racismos contemporâneos. Rio de Janeiro: Takano Editora, v. 49, p. 49-58, 2003.
- CRENSHAW, K. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. VV. AA. **Cruzamento: raça e gênero.** Brasília: Unifem, p. 7-16, 2004. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Kimberle-Crenshaw.pdf> Acesso em: 12 dez. 2019.
- DAMATTA, R. **O ofício de Etnólogo, ou como ter “Anthropological blues”.** 1978.
- FACCHINI, R. **Entre umas e outras:** mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo. 2008. Tese (doutorado em Ciências Sociais) Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.
- FLICK, Uwe. Introdução à pesquisa qualitativa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade: A vontade de saber.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 39. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

GEERTZ, Clifford et al. **O saber local**. Cap 3: Do ponto de vista dos nativos: a natureza do entendimento antropológico. p. 85-107. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1999.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo, Editora Atlas, 2008.

GOMES, E. C., MENEZES, R. A. Emoções do antropólogo em campo: a etnografia em questão. **Anais...** 31º Anpocs, Caxambu, 2007.

LAURETIS, T.. **A Tecnologia do Gênero**. Tradução de Suzana Funck. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (Org.). **Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.

HENRIQUES, M; FILHO, F. F. L. Mulheres gaúchas no especial Bah!: identidade e representação. **Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2015. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1056-1.pdf>. Acesso em: 12. Dez. 2019.

LEÃO, M. **Os unicórnios no fim do arco-íris: bissexualidade feminina, identidades e política no Seminário Nacional de Lésbicas e Mulheres Bissexuais**. 2018, 117 f. Dissertação (mestrado em Saúde Coletiva) Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

LEWIS, E. S. **“Não é uma fase”**: construções identitárias em narrativas de ativistas LGBT que se identificam como bissexuais. 2012, 267 f. Dissertação (mestrado em Letras) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

LIMA, T. C. S.; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katal**. Florianópolis, v. 10 n. esp. p. 37-45, 2007.

LONGHINI, G. D. N. **“Mãe (nem) sempre sabe”**: Existências e saberes de mulheres lésbicas, bissexuais e transexuais. 2018, 166 f. Dissertação (mestrado em Psicologia) Universidade Federal de Santa Catarina.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 4. ed. Petrópolis, Editora Vozes, 1997.

MAGALHÃES, P. M. M. **Terra, amor e existência: sobre a atuação do coletivo LGBT do movimento dos trabalhadores rurais sem terra**. 2017, 73 f. Monografia (curso de Ciências Sociais) Universidade de Brasília.

MÉLLO, Ricardo Pimentel. **Corpos, heteronormatividade e performances híbridas**. **Psicologia & Sociedade**, v. 24, n. 1, p. 197-207, 2012.

MORA, C. M.; MONTEIRO, S. Homoerotismo feminino, juventude e vulnerabilidade às DST's/Aids. **Estudos feministas**, v. 21, n. 3. p. 905-926, 2013.

NERY, Inez Sampaio et al. Abordagem da sexualidade no diálogo entre pais e adolescentes. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 28, n. 3, p. 287-292, 2015.

OLIVEIRA, J. G. De perto e de dentro: Um olhar antropológico sobre o acesso à saúde sexual entre mulheres que fazem sexo com mulheres em Maceió/AL. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 11, n. 32. p. 551-601, 2012.

PEREIRA, F; MARQUES L; SPERONI T. Um estudo sobre a noção de bissexualidade em Freud. **Revista saúde, corpo, ambiente e cuidado – Rescac**, v. 1, n. 1, p. 1 -18, 2012.

RICH, A. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 4, n. 05, 27 nov. 2012.

ROSA, Y. P. Mulheres negras na Revista Veja: sexualização e racismo. **Anais III Encontro Humanístico Multidisciplinar e II Congresso Latino-Americano de Estudos Humanísticos Multidisciplinares**, Jaguarão, 2017. Disponível em: https://www.academia.edu/17097631/Sexo_e_as_Negas_Hipersexualizacao_da_Mulher_negra_na_televisao_brasileira Acesso em: 12 dez. 2019.

RUBIN, G. **Políticas do sexo**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

SANTOS, C. C. dos. “**Sexo e as negas**”: hipersexualização da mulher negra na televisão brasileira, 2014. Disponível em: <https://www.claec.org/eventos/index.php/ehm/3ehm/paper/view/970/382> Acesso em: 12 dez. 2019.

SCOTT, J. W. et al. A invisibilidade da experiência. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 16, 1998.

TEIXEIRA, M. S. S. P; QUEIROZ, J. M. **Corpo em debate**: a objetificação e sexualização da mulher negra. V Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades. 2017.

VELHO, G. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia contemporânea**. Cap 9 Observando o familiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.

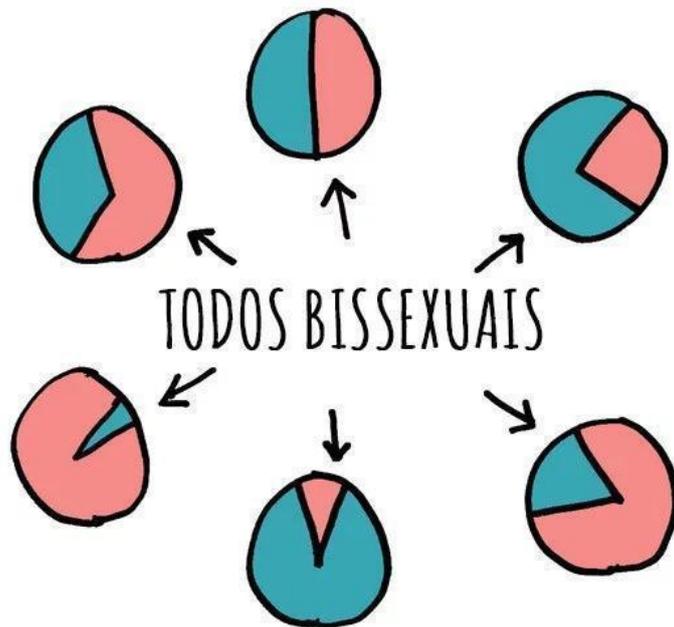
VÍCTORA C. G.; KNAUTH, D. R.; HASSEN, M. N. **Pesquisa qualitativa em saúde**: uma introdução ao tema. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.

ANEXO A

\$\$\$ QUE VOCÊ PAGARIA PARA NÃO OUVIR MAIS ESSAS PERGUNTAS



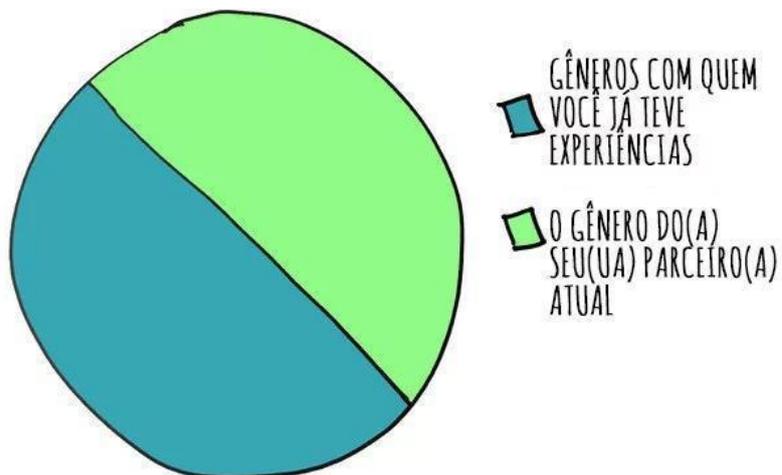
■ ATRAÇÃO PELO MESMO GÊNERO ■ ATRAÇÃO POR OUTROS GÊNEROS



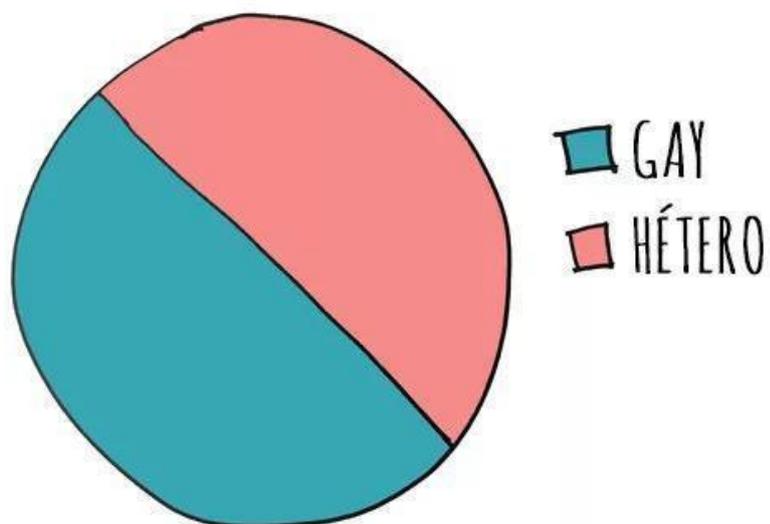
COISAS QUE VOCÊ NÃO PRECISA FAZER



COISAS QUE NÃO MUDAM O FATO DE VOCÊ SER BISSEXUAL



O QUE AS PESSOAS ACHAM QUE É SER BI



O QUE É SER BI

